

Afimativa

plural

ANO 5 - Nº 25 - R\$ 7,50 - AFROBRAS. SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE.



EDUCAÇÃO:

O Brasil precisa
de mais negros no
ensino superior

EXCLUSIVO:

Ministro Miguel Jorge
fala das oportunidades
de negócios para
países africanos

POLÍTICA

Um negro
no império

O que muda o planeta é consciência. O que cria consciência é educação.

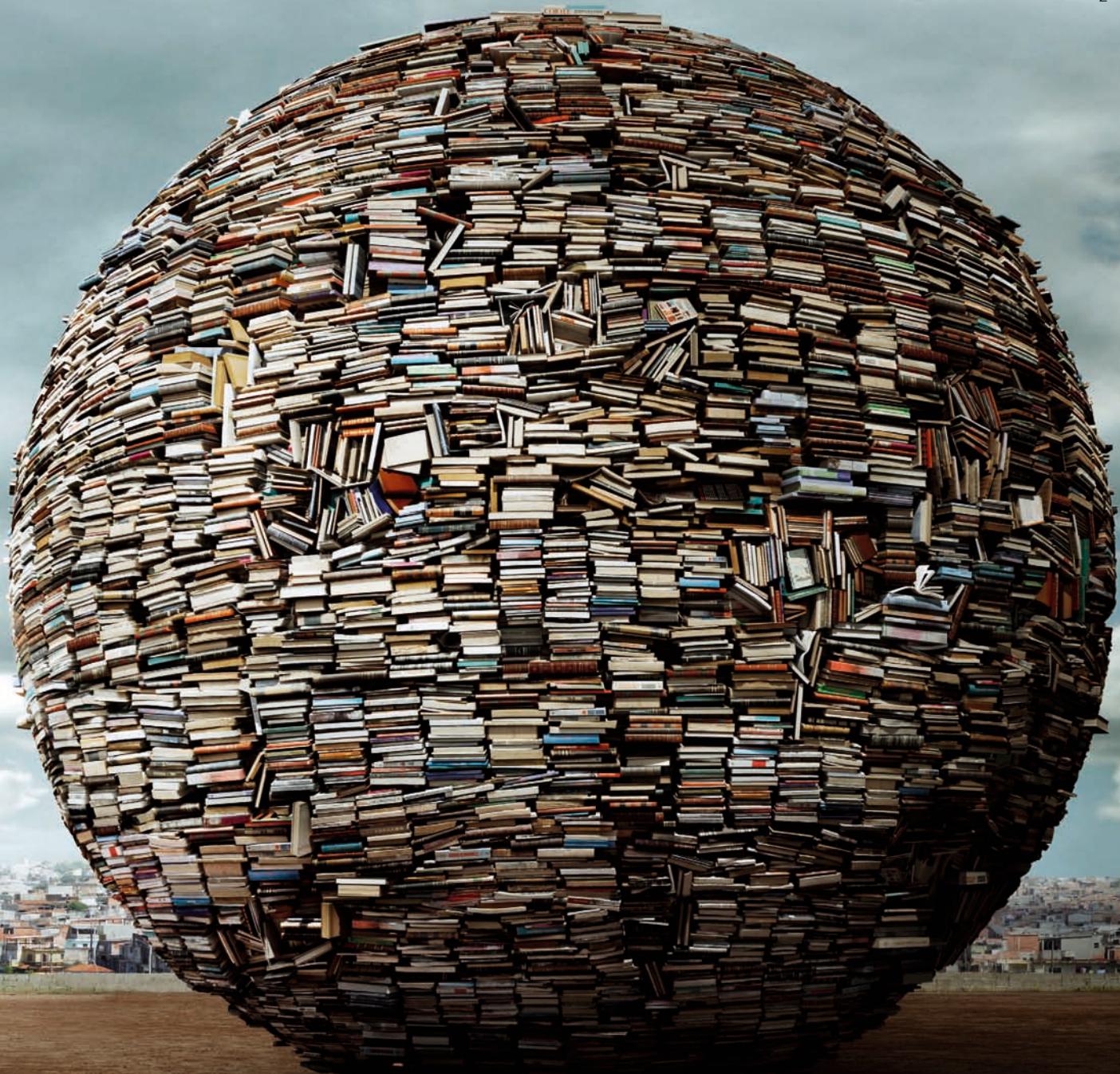
Para nós, tão importante quanto oferecer acessibilidade a serviços bancários é potencializar pessoas. E é isso que a Fundação Bradesco faz há mais de 50 anos.

- Maior programa gratuito, privado, de educação do país.
- 40 escolas em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal.
- Mais de 1,4 milhão de alunos atendidos nos últimos 10 anos.

A educação das novas gerações é base indispensável para tornar possível o ideal de sustentabilidade. Porque tão importante quanto plantar árvores e conservar florestas é cultivar idéias e transformá-las em atitudes para um modo de vida sustentável. Conheça mais no site: www.fb.org.br/institucional

Banco do Planeta. Investindo, apoiando e informando.

Bradesco completo



Banco do
Planeta

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural – Centro de Documentação, com periodicidade bimestral. Ano 5, Número 25 – Rua Padre Luis Alves de Siqueira, 640 – Barra Funda – São Paulo /SP - Brasil - CEP 01137-040 – Tel. (55 -11) 3392-6005.

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente, Francisca Rodrigues, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Humberto Adami, Sonia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (MTb. 14.845 - francisca@afrobras.org.br)

REDAÇÃO E PUBLICIDADE: Maximagem Assessoria em Comunicação Tel. (11) 3392-1862.

EDITORA: Zulmira Felício (Mtb. 11.316 - zulmira.felicio@globo.com)

FOTOGRAFIA: J.C. Santos e Divulgação.

COLABORADORES: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinheiro.com.br), Juçara Braga (jucara.braga@gmail.com) e Isabella De Luca (estagiária).

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Taíse Oliveira (taise@afrobras.org.br)

CAPA: Angela Sato (Foto: webshots.com)

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Tiff - Estúdio Digital

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Vox Editora

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.



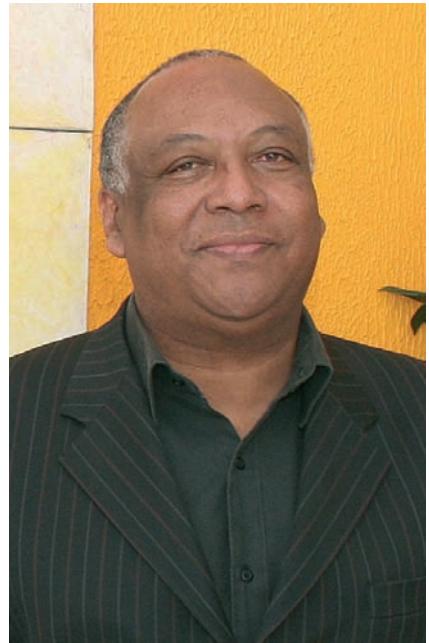
**Se existe uma
coisa que tem que
valer cada centavo
que você paga
é um banco.**

Itaú. A melhor relação custo-benefício para você.

Na hora de escolher um banco você tem que colocar na ponta do lápis tudo que você paga e todos os benefícios que você ganha. Fazendo assim, não tem erro, seu lápis vai levar você ao Itaú. Onde você paga tarifas na média do mercado e ganha um banco bem acima da média.

Itaú
feito
para
você

Confira:
www.itau.com.br/custobeneficio



13

09 EDITORIAL

Barack Obama, um negro no império.

13 ENTREVISTA

Benedita da Silva, Secretária de Assistência Social e Direitos Humanos do Estado do Rio de Janeiro: o poder da mulher negra na política.

16 CAPA

O negro na política. Obama nos EUA abre novas perspectivas para o debate racial.

30 ARTIGO

Gabriel Jorge Ferreira, Presidente da Confederação Nacional das Instituições Financeiras: o papel do negro na política brasileira.

16

34 PERFIL

Rappin' Hood: o hip hop dá outro rumo à sua vida.

36 CIDADANIA

DNA da Diversidade: responsabilidade social das empresas e os direitos humanos.

42 EMPREENDEDORISMO

José Luiz de Paula Jr., artista plástico: o Brasil é um país sem marca.

45 ARTIGO

Luiz Fernando Garcié: empreendedorismo além do próprio negócio.

42

46 MERCADO DE TRABALHO

Coaching: você sabe o que é isso?

50 EDUCAÇÃO

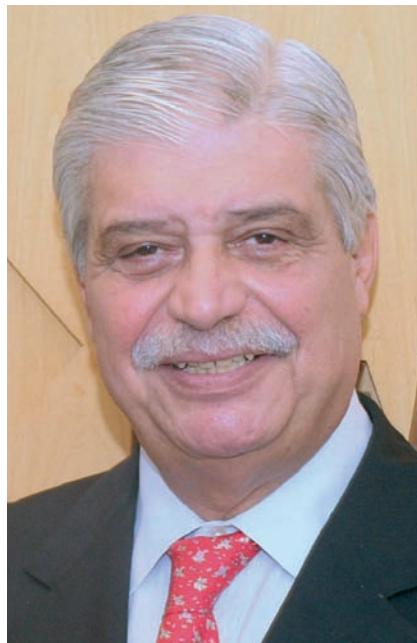
José Alencar, vice-presidente do Brasil sanciona projeto de lei trazendo de volta as disciplinas Filosofia e Sociologia.

52 EDUCAÇÃO

Milú Villela: a educação nas eleições municipais.

54 ARTIGO

Ricardo Henriques, assessor especial da presidência do BNDES: desperdício de talentos.



50

57 ECONOMIA

Rosenildo Gomes Ferreira:
quem tem medo do dragão?

58 ECONOMIA

Entrevista exclusiva com o Ministro
Miguel Jorge, do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio Exterior.

62 RESPONSABILIDADE SOCIAL

Instituto General Motors:
empresários para o futuro.

64 RESPONSABILIDADE SOCIAL

De Reinaldo Bulgarelli,
“Diversos somos todos”.

58

68 PLURAL

Religiosa, Uganda usa
moralismo contra AIDS.

70 ESPORTE

As melhores do mundo: irmãs Williams.

72 SAÚDE

Cartilha de Saúde para atuar em
dois grandes problemas: gravidez
precoce e homicídio.

76 CULTURA

Paulo Betti: monte o seu cineclube.

78 TURISMO

Costa do Marfim.

70

Seções

74 LIVROS

75 AGENDA CULTURAL

81 AFIRMATIVO

82 BRANCO & PRETO

As metas de todos pela educação.

1. Todos de 4 a 17 anos na escola.
2. Todos lendo e escrevendo até os 8 anos.
3. Todos aprendendo o que é certo para cada série.
4. Todos formados no ensino médio até 19 anos.
5. Todo investimento em educação bem cuidado e ampliado.

www.todospelaeducacao.org.br

Se todos se lembarem destas 5 metas e se todos lutarem por elas, todos conseguirão melhorar a educação e todos vão ganhar com isso.





Um negro no império!

Barack Obama, um negro na presidência do maior império do mundo! Pode até ser um sonho, mas isso tem todas as chances de acontecer, mudando totalmente uma sociedade declaradamente racista, como a americana. Mas, o significado maior de uma vitória como esta é o que isso sinaliza para o planeta terra, o que mudará com um negro no poder da maior potência mundial.

Para nós brasileiros, principalmente para nós negros, a simples candidatura de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos da América, faz nos felizes e orgulhosos. Por que? Se um negro chega a disputar, com chances de vitória, uma eleição nos Estados Unidos da América, redobram as esperanças de um mundo melhor, igualitário. Isso nos faz pensar: por que não nós, brasileiros, que somos considerados um país racialmente democrático? Claro, sabemos que o racismo existe, ainda que implícito, no dia-a-dia desse Brasil afora, o que se revela nos números do emprego, dos cargos subalternos, dos salários mais baixos. Por que o Brasil, que tem a maior população negra fora da África e é o segundo maior contingente negro do mundo, depois da Nigéria, não poderia ter um presidente negro, a exemplo de Obama?

O pesquisador Professor Cloves Pereira Oliveira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), considera duvidoso o apoio das elites brasileiras a um candidato negro à presidência da República no Brasil. Afinal, hoje, “é inegável a desigualdade entre brancos e negros no que se refere ao acesso a cargos políticos e eleitorais”. Para ele, é mais fácil o acesso de negros a cargos eletivos nas cidades do interior do que nas capitais.

Por que no Brasil os negros não têm representatividade política? Por que o negro não consegue chegar ao poder na política? Qual o peso de um político negro para a comunidade? E como fica a mulher negra em tudo isso?

E por que no Brasil, quando o negro chega ao poder, tem que ser mais honesto do que o político branco? Por que ele é muito mais cobrado em suas ações, posições e atitudes do que o político branco?

Para responder a essas questões e muitas outras fomos ouvir a opinião de alguns políticos negros que conseguiram quebrar barreiras e chegar ao poder político. Pesquisamos alguns exemplos de negros políticos no passado, desde a escravidão, e descobrimos que eles já lutavam muito e eram bem politizados naquela época. João da Cruz e Souza, José do patrocínio, Nilo Peçanha, entre outros, fazem parte desta história.

Mas, ganhando ou não, o benefício mais imediato da disputa de Barack Obama para a presidência nos Estados Unidos é a abertura ao debate no Brasil sobre a exclusão do negro também na vida política, um dos segmentos fundamentais de uma sociedade. Só a sua candidatura já serve para mostrar aos negros de todo o mundo, que somos capazes, como qualquer outra pessoa de qualquer etnia, de alcançar o sucesso em qualquer trabalho a que nos dediquemos, basta que tenhamos oportunidade.

Trazemos também nesta edição outros exemplos de negros de sucesso, como as irmãs Williams que ocupam a quinta (Serena) e sétima colocações (Venus) no torneio de Wimbledon, considerado o mais tradicional torneio de tênis internacional. Elas brilham entre os melhores tenistas do planeta.

Outro exemplo é o do empresário e artista plástico José Luiz de Paula Jr., há anos consagrado no setor de design de embalagens para cosméticos, incluindo perfumes, sua especialidade. Além dele, temos também o perfil do rapper Rappin' Hood, artista que veio da periferia de São Paulo.

Bons exemplos não faltam aos negros e o papel da Afirmativa Plural é mostrar essas pessoas e suas trajetórias de sucesso.

Para finalizar, queremos lembrar a você, caro leitor, que a forma de distribuição da Afirmativa Plural mudou. Nossa revista poderá ser encontrada agora em algumas bancas de revistas, por enquanto só em São Paulo. Você pode também, fazer uma assinatura da Afirmativa Plurale, desta forma contribuir com esse projeto e dar voz e visibilidade ao negro. Lembramos, ainda, que se você tem algum assunto que queira ver discutido aqui na Afirmativa Plural, deve mandar-nos sua sugestão pelos emails ou telefones que estão no nosso expediente.

Tenha uma boa leitura.

Francisca Rodrigues
Editora Executiva

**Nós, do Banco Real, acreditamos que, quando nos realizamos,
melhoramos a vida de todo mundo que vive com a gente.**

Elaine queria trabalhar com algo que proporcionasse a ela contato com as pessoas e acabou mudando de profissão depois de formada. Após conseguir o emprego de gerente de relacionamento, sua vida mudou. Hoje ela valoriza a sua independência financeira e é uma mulher realizada. Seu cartão de crédito internacional do Banco Real faz parte dessa realização. www.bancoreal.com.br

Reinvente. Vem com a gente.

Elaine de Abreu e sua mãe.
Elaine usa o cartão de crédito
internacional do Banco Real
para facilitar o seu dia-a-dia



O que você quer para a sua vida?
REALIZE



O banco da sua vida



BANCO REAL



Prêmio Brasileiro Imortal.

**Valorizando quem se dedica
ao meio ambiente.**



A Vale investe em tecnologia para a disseminação de mudas das espécies nativas onde atua, e também na recuperação e conservação ambiental dessas regiões. A Vale busca constantemente formas de valorizar pessoas que, assim como ela, trabalham pelo meio ambiente. Por isso, criou o Prêmio Brasileiro Imortal, que irá homenagear brasileiros por projetos, ações e seu compromisso socioambiental. Os 6 vencedores serão escolhidos por voto popular e poderão ter seu nome associado a novas espécies botânicas, descobertas no projeto de avaliação da biodiversidade da Mata Atlântica, por pesquisadores brasileiros, na Reserva Natural da Vale em Linhares – ES. **Acesse www.brasileiroimortal.com.br e conheça os indicados e seus trabalhos, e vote. Você pode concorrer a uma viagem ecológica para conhecer uma de nossas reservas naturais.** Sim, é possível transformar recursos minerais em riqueza, desenvolvimento sustentável e reconhecimento.



www.vale.com

Poder da mulher negra na política brasileira

POR: ZULMIRA FELICIO, EDITORA



VEREADORA, DEPUTADA FEDERAL DUAS VEZES, SENADORA DA REPÚBLICA, VICE-GOVERNADORA E GOVERNADORA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, MINISTRA E HOJE SECRETÁRIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS.

NÃO EXISTE NO BRASIL OUTRA HISTÓRIA DE UMA MULHER, NEGRA, QUE TENHA OBTIDO TANTO SUCESSO EM SUA CARREIRA. E, POR SINAL, UMA CARREIRA NADA FÁCIL E DOMINADA PELOS HOMENS. FILHA DE PAIS ESCRAVOS, BENEDITA DA SILVA CONSEGUIU ATINGIR OS MAIS IMPORTANTES CARGOS NA POLÍTICA BRASILEIRA. PARA ELA, A SOCIEDADE COMEÇA A PERCEBER A IMPORTÂNCIA DESSA REPRESENTATIVIDADE.

SOBRE SUA VIDA MARCADA POR UMA TRAJETÓRIA DE INTENSA LUTA, ELA PREFERE CITAR UM TRECHO DE SAMBA: “SE EU PUDESSE TOCAR EM MEU DESTINO, SERIA EU UM INTELECTUAL... SE EU PUDESSE NÃO SERIA UM PROBLEMA SOCIAL.”



AFIRMATIVA PLURAL – A senhora se tornou a primeira mulher negra a atingir os mais altos cargos da história no Brasil. Fale sobre essa longa caminhada sob o ponto de vista pessoal e político.

BENEDITA DA SILVA – *De início, logo me vêm à memória meus pais. E, principalmente minha mãe Maria da Conceição de Souza, que sempre se recusou a ser chamada assim e adotou o nome de Ovídia Maria da Conceição.*

Meus pais trabalharam como escravos numa fazenda em Leopoldina na Zona da Mata, em Minas Gerais. Digo que faziam trabalho escravo porque não recebiam dinheiro e não eram livres para sair de lá. Trabalhavam em troca de comida e nunca tiveram sua própria terra. Eram condições péssimas e eles passavam muita necessidade.

Até que minha mãe resolveu fugir para o Rio de Janeiro. Arrumou um barraco na Favela da Praia do Pinto, onde abriu uma biroscaria e lavava roupa para fora. Em questão de meses, mandou buscar meu pai. Como vocês podem ver, minha família é matriarcal, as mulheres vão à luta tomam decisões, não têm medo.

Quando menina vendia amendoim na rua para ajudar minha família, e quando adulta trabalhei como doméstica, vendedora ambulante, camelô- vendia comida, roupa, cosmético - tudo que possam imaginar. Era autodidata e estudava de madrugada. Foi assim que fiz o exame Madureza e consegui o diploma de segundo grau.

Em 1982, consegui entrar para a universidade e hoje sou formada em Serviço Social.

Passei a me envolver com trabalho político e com a Associação de Moradores do Chapéu Mangueira, da qual participei desde 1955, quando funcionava como comitê de favela. Continuamos nosso trabalho político e me elegi a primeira vereadora negra do PT. De lá para cá foram muitas lutas. Tornei-me vereadora, deputada federal duas vezes, e senadora da República. Os mandatos assumiram a defesa dos direitos das mulheres, dos negros, das crianças e adolescentes, idosos, pessoas portadoras de deficiência, aposentados, trabalhadores rurais e dos trabalhadores em geral, no sentido de garantir novos direitos no texto constitucional. Mais tarde vicegovernadora e governadora do Estado do Rio de Janeiro, Ministra e hoje Secretária de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos. Sei que não cheguei até aqui sozinha. Graças a Deus faço parte de um movimento dinâmico, organizado e propositivo.

AFIRMATIVA – De 2 de abril a 31 de dezembro de 2002, a senhora assumiu o Governo do Estado do Rio de Janeiro. A partir de 1º de janeiro de 2003 foi nomeada pelo presidente Lula ministra de Assistência Social. O que isso representou no cenário político brasileiro?

BENEDITA – A luta pela conquista dos direitos da mulher nunca foi uma luta pacífica. E a questão se amplia quando a mulher é negra. A participação das mulheres na vida política não se desenvola num domínio neutro. Ao contrário põe em jogo crenças sociais profundas, muitas vezes inconscientes, repelidas, mas sempre presentes, que lhes dão uma coloração passional mais ou menos acentuada. A minha participação no Ministério choca-se visivelmente com uma tradição antifeminista que, embora se enfraqueça desde o princípio do século, permanece, entretanto, assaz forte até o dia de hoje. Trata-se de substituir um sistema social que considerou há até muito pouco tempo a atividade feminina como essencialmente familiar e privada por um sistema novo, admitindo a plena igualdade dos sexos em todos os domínios.

Mas, para além da questão de gênero há a questão étnico-racial que aponta para o avanço que representou minha indicação pelo governo Lula para o Ministério de Assistência Social para nós negros no Brasil. Sabemos, no entanto, que a luta continua se queremos alcançar direitos iguais.

AFIRMATIVA – Qual o peso de um político negro para a comunidade?

BENEDITA – No meu entendimento representa um marco histórico para a comunidade negra, que começa a se perceber representada com suas bandeiras de luta. Mas, a mudança tem um significado maior; se toda a sociedade perceber que há uma mudança em curso no sentido de reparação da situação de exclusão do negro Brasil.

AFIRMATIVA – Seus mandatos foram marcados pela defesa do direito das mulheres. O que dizer da mulher negra na política?
BENEDITA – Meus mandatos sempre levantaram as bandeiras das lutas feministas no Brasil, e foram muitos os projetos de lei: sobre a criação da polícia para Atendimento de Crimes contra a Mulher; a proibição de exigência de atestado que comprove esterilidade ou gravidez de candidatas a empregos, proteção do trabalho doméstico e a criação em todo território nacional de Delegacias Especiais de Atendimento a Mulher (DEAM), entre outros.
Mais mulheres negras na política por certo representarão mais luta, mas, também vitória para toda sociedade.

AFIRMATIVA – Porque os negros brasileiros não têm representatividade política? Quais passos devem ser dados para, aos poucos, mudar essa realidade?

BENEDITA – Nós, negros que tanto temos contribuído para o enriquecimento deste país, somos os primeiros excluídos dos seus dividendos, continuamos na base da pirâmide social; nós nunca nos acomodamos com essa situação, estivemos sempre direta ou indiretamente lutando para reverter esta situação de não termos o percentual de representação política justo. Os passos iniciais serão as organizações de movimentos de base, e dentro deste processo de mobilização e organização devemos ter a preocupação com a preparação de representantes para as candidaturas de vereadores, deputados e assim sucessivamente. Sabemos que sem mobilização e organização nunca teremos a representação a qual temos direito de fato no Brasil. E este processo de representação se inicia na participação na associação de moradores de bairro e nos sindicatos.

AFIRMATIVA – Em sua opinião o que dizer da maior potência mundial ter um candidato negro e o Brasil não?

BENEDITA – Esta eleição nos EUA representará um marco histórico para toda a humanidade, pois certamente significará as primeiras eleições com a participação de um candidato negro na maior potência mundial. E sem dúvida

representará o início de um novo tempo para o mundo. Para pensarmos em candidato negro no Brasil, precisamos fazer disto um objetivo a ser atingido. E para tal precisamos aprender com o mestre tibetano. Ele ensina que, para uma flecha atingir seu alvo, temos que nos preocupar com seu percurso.

Afirmativa – O que pode mudar no cenário brasileiro caso Obama seja eleito?

Benedita – A partir da globalização internacional todos os países sofrem influências sob o ponto de vista da vida social, econômica, cultural e política. Neste sentido, sabemos que elas (influências) acontecerão. Vamos esperar para ver. Tenho esperança que seja melhor para os EUA reconhecer o crescimento político social intelectual dos afros americanos e garantir na alternância de poder a representação da pluralidade étnica do processo democrático eleitoral e que se diga não obrigatório.

Obama, nos EUA, abre novas perspectivas para o debate racial

ESTUDO DO INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA), DO MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, REVELOU QUE, ESTE ANO, OS NEGROS SERÃO METADE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA E, ATÉ 2010, SERÃO MAIORIA. APESAR DISSO, O BRASIL PATINA NO LODO DA DESIGUALDADE QUE AINDA MANTÉM OS NEGROS COMO MAIORIA ENTRE OS POBRES. INDICADORES ESTATÍSTICOS MOSTRAM QUE ESTA REALIDADE ESTÁ MUDANDO, PORÉM MUITO MAIS LENTAMENTE DO QUE SERIA DESEJÁVEL.

POR: JUÇARA BRAGA

Nesse contexto, a candidatura de um negro à presidência dos EUA traz, para o centro do cenário, o debate sobre a presença dos negros no poder. Barack Obama, candidato do Partido Democrata americano, tem boas chances de ganhar a eleição, tornando-se o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos, país que nunca primou pela convivência racial pacífica, mas que, em compensação, parece estar abrindo sua principal porta para um negro bem antes dos brasileiros que se dizem “não racistas”.

Alguma coisa de errada nisso? O professor Cloves Pereira Oliveira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA),

observa que o discurso nativo costuma representar o Brasil como “um paraíso racial” e os EUA como exemplo oposto, ou seja, o inferno. A segregação racial naquele país justificaria essa impressão.

O racismo de brancos em relação a negros sempre foi visto, por nós, como algo repudiável. Este jogo de espelhos ajudou a formar uma auto-imagem positiva, demonizando outros países com políticas e conflitos raciais abertos – explica Cloves, avaliando que as transformações nas relações raciais americanas induzem o Brasil a questionar a persistência dos padrões de desigualdade racial no País.

CHANGE
WE CAN BELIEVE IN

STAND FOR
CHANGE

New Hampshire Primary

MA
EYES

O pesquisador considera duvidoso o apoio das elites brasileiras a um candidato negro à presidência da República no Brasil. Afinal, hoje, "é inegável a desigualdade entre brancos e negros no que se refere ao acesso a cargos políticos e eleitorais", afirma Cloves, observando que é mais fácil o acesso de negros a cargos eletivos nas cidades do interior do que nas capitais.

O professor da Trevisan Escola de Negócios e Belas Artes, Sidney Ferreira Leite, avalia que, para o Brasil, "a consequência mais imediata da eleição de Barack Obama nos EUA será a emergência de um ambiente favorável ao debate sobre a exclusão, da vida política, de segmentos fundamentais da sociedade".

120 ANOS DA ABOLIÇÃO E DESIGUALDADE - Considerando aspectos sociais e econômicos, além dos políticos, é visível a diferença entre negros e brancos. Estudo do Ipea, divulgado em maio deste ano, quando se completaram 120 anos de abolição da escravatura, revela que a remuneração média mensal dos negros é 53% menor que a dos brancos. Além de ganhar menos, os negros são maioria entre os trabalhadores informais e os dedicados a serviços domésticos, agrícolas e na construção civil.

O diretor de Cooperação e Desenvolvimento do Ipea, Mário Theodoro, autor do estudo, observa que, mantidas as tendências atuais dos programas de transferência de renda, o Brasil levaria 32 anos para igualar a renda entre negros e brancos. Para chegar à igualdade, o caminho apontado pelo estudioso é o crescimento econômico, que contribui para redução da informalidade, e a implementação de políticas universais de acesso à moradia, educação e urbanização.

Manifestando-se sobre os 120 anos da abolição, a Conferência Nacional dos Bispos (CNBB) lembrou que a libertação aconteceu legalmente em 1888, mas frisou que "se faz necessário reafirmarmos o compromisso para que todos os

afro-brasileiros tenham condições de vida cidadã, complementando o ato de 13 de maio de 1888".

A vereadora Claudete Alves (PT-SP) considera que um negro na presidência dos EUA "será uma vitória da democracia e, quem sabe, o início de novos tempos para os negros norte-americanos e do resto do mundo".

A candidatura de Obama, segundo Claudete, contribui para melhorar a auto-estima dos negros e mostrar que eles podem chegar ao poder. Obama, segundo ela, remete ao espírito que impulsionou Zumbi e os negros dos quilombos. Lembrá-los "é lutar contra a discriminação racial e exigir, do Estado, as devidas reparações", diz ela.

A luta contra o preconceito deve continuar, afirma Claudete, avaliando que o fato de o racismo ser velado no Brasil é um empecilho para a inclusão dos negros. Como exemplo de exclusão, ela observa que os negros são raros na função de apresentadores nas TVs e em campanhas publicitárias e, além disso, nas novelas,

os protagonistas são todos brancos.

– E na política, onde estão os negros desse País? – questiona Claudete, cobrando a presença negra no Senado, em ministérios e secretarias, e defendendo o caminho legislativo como fundamental para garantia dos direitos dos negros. Nesse sentido, Claudete considera que o reconhecimento do racismo pelo Estado brasileiro, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial e o estabeleci-

mento de políticas públicas reparatórias são essenciais para alterar a dinâmica que, hoje, mantém os negros à margem da sociedade.

RACISMO, NO BRASIL, TEM CLASSE - Nivaldo Santana, ex-parlamentar, vice-presidente do PC do B em São Paulo e militante da União de Negros pela Igualdade, aponta um viés do racismo no Brasil ao mostrar seu aspecto social. "Como deputado estadual, certamente, a discriminação

“
SOCIEDADES DESIGUAIS E COM
DESEQUILÍBRIOS ESTRUTURAIS,
COMO A BRASILEIRA, FORMAM O
CALDO DE CULTURA QUE ALIMENTA
O PRECONCEITO RACIAL. A
LUTA POR UMA SOCIEDADE
DEMOCRÁTICA E EQUILIBRADA CRIA
AS CONDIÇÕES PARA ERRADICAÇÃO
DE TODAS AS FORMAS DE
PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA”
”



contra mim foi menor do que em relação aos cidadãos negros comuns, pois, no Brasil, a condição social atenua ou exacerba os preconceitos e o fato de uma pessoa exercer o mandato de deputado diminui o preconceito, embora ele se manifeste de forma mais sutil”, diz ele.

A eleição de Barack Obama nos EUA, na opinião de Nivaldo, não trará mudanças radicais, mas terá impacto positivo no imaginário da população negra, historicamente discriminada e ocupando papéis subalternos. “Isso poderá ajudar na elevação da auto-estima dos negros, embora um longo caminho ainda deva ser percorrido para construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e igualitária”, diz o político.

A candidatura e eventual vitória de Obama, segundo Nivaldo, recolocam, na agenda de debates, o problema do racismo e do preconceito nos EUA. Considerando que “tudo que acontece naquele país repercute, para o bem ou para o mal, em todo o mundo, inclusive no Brasil” ele avalia que “o fenômeno Obama pode melhorar a percepção sobre o papel, a condição e as potencialidades do negro na sociedade brasileira”.

Os problemas estruturais, segundo Nivaldo, estão na base da situação de inferioridade sócio-econômica do negro no Brasil. Assim, ele considera que a democratização do acesso à educação e ao mercado do trabalho, à moradia, saúde, segurança, cultura, esporte e lazer é o alicerce para construção de uma sociedade justa e com progresso social.

Sociedades desiguais e com desequilíbrios estruturais, como a brasileira, “formam o caldo de cultura que alimenta o preconceito racial”, diz Nivaldo, acentuando que “a luta por uma sociedade democrática e equilibrada cria as condições para erradicação de todas as formas de preconceito e intolerância”. Os problemas dos negros e da maioria da população brasileira, na opinião do ex-parlamentar, fazem parte de um grande desafio, a luta pela afirmação de direitos básicos de cidadania para todos. Esses direitos, para serem efetivos, diz Nivaldo, precisam de um Brasil com desenvolvimento sustentado e duradouro, valorização do trabalho, geração de emprego e distribuição de renda. “Essas são as bases materiais para o pleno florescimento das energias espirituais do povo, sem preconceito, sem discriminação e sem racismo”, explica ele.

Ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, o deputado federal Vicente Paulo da Silva considera que Barack Obama “surge no cenário político mundial como um olhar além da raça, reforçando a certeza de que podemos, sim, fazer algo para mudar nossa realidade”.

– Estamos dizendo sim à história de um político que revoluciona a maneira de fazer política, estamos mostrando ao mundo a face de um líder disposto a romper barreiras e preconceitos sobre a cor do poder, surgindo como um sopro forte de vitalidade na política mundial, um olhar além da raça – ressalta Vicentinho, certo de que a eleição de Obama pode influenciar mudanças de postura em relação aos negros em outros países.

Sidney Ferreira Leite (professor da Trevisan Escola de Negócios e Belas Artes), Claudete Alves (vereadora do PT-SP), Nivaldo Santana (vice-presidente do PC do B em São Paulo e militante da União de Negros pela Igualdade), Vicente Paulo da Silva, deputado federal do PT)

MITO DE DEMOCRACIA RACIAL ATRASOU O DEBATE

O senador Paulo Paim (PT/RS) avalia que “o mito da democracia racial construído no Brasil foi extremamente prejudicial porque deixamos de encarar, com maturidade e propostas concretas, a problemática enfrentada pela população negra”. Ele avalia que o preconceito racial existe no País e observa que “as mulheres negras e os jovens são as principais vítimas”.

Na opinião de Paulo Paim, a Lei áurea não trouxe políticas públicas para os negros, apenas liberdade. O reflexo da ausência de amparo legal está em favelas, presídios, na mortalidade infantil e em todos os indicadores de vulnerabilidade que mostram os negros como principais vítimas da exclusão, aponta ele.

Independentemente do resultado das eleições nos EUA, Paim avalia que a candidatura de Obama é fundamental para as futuras gerações, sobretudo considerando-se que, até a década de 1960, a segregação racial entre os norte-americanos era aberta. Ele destaca o fato de Obama ser apoiado por negros, mas também por brancos, latinos e pessoas de outras origens.

A candidatura Obama, na opinião de Paim, pode influenciar mudanças de postura em relação aos negros em outros países. “Além de sólida formação intelectual, boas idéias para a economia e as áreas sociais, seu discurso é pela integração entre os povos”, avalia Paim, considerando que o candidato negro norte-americano é um “exemplo de superação da luta dos negros nos Estados Unidos e no mundo”. Favorável às políticas afirmativas em favor de negros e pobres, Paim destaca o desempenho de universitários cotistas, diz que empresas privadas já estão implementando

medidas de valorização da diversidade, em especial a étnica racial, e defende a instituição de cotas para negros no serviço público.

A deputada federal Janete Pietá (PT-SP) considera que o maior empecilho para inclusão dos negros no Brasil é a recusa da sociedade em confrontar abertamente o racismo e a discriminação. “O tradicional ‘foi apenas uma piada’ ajuda a empurrar para baixo do tapete problemas reais”, diz ela, ponderando, entretanto, que a denúncia do mito da democracia racial no País levou ao enfrentamento da exclusão com políticas públicas e permitiu ampliar o debate sobre a questão.

A candidatura Obama, na opinião de Janete, será vista como um avanço na luta contra todas as formas de discriminação e racismo.

– Os principais responsáveis pela conquista de melhores condições de vida para os negros brasileiros somos nós mesmos e muito temos avançado graças aos nossos esforços – afirma a parlamentar.

POLÍTICAS PÚBLICAS, CAMINHO OBRIGATÓRIO NA BUSCA DE IGUALDADE

Para resgatar mais rapidamente a dívida social que o Brasil tem com os pobres, entre os quais a maioria é negra, o ex-prefeito de São Paulo, Celso Pitta, aponta a necessidade de intensificação de políticas públicas compensatórias e de transferência de renda, cotas no ensino superior e no mercado de trabalho.

– Defendo a aplicação dessas políticas somente em caráter transitório como forma de acelerar o processo de resgate da dívida social. A partir de um certo ponto, as pessoas devem



caminhar com as próprias pernas – afirma Pitta, primeiro negro a chegar ao cargo de prefeito da maior cidade do País por meio de eleições diretas em 1996.

O ex-prefeito lembra que o advogado Paulo Lauro, nomeado pelo interventor Ademar de Barros, foi o primeiro negro a administrar a cidade entre 1944 e 1945. Atualmente, os negros são menos de 1% dos senadores e menos de 5% dos deputados federais no Brasil, embora o Estatuto da Igualdade Racial indique, aos partidos políticos e coligações, que dediquem, no mínimo, 30% de vagas para candidatos afro-brasileiros.

Detido recentemente pela Polícia Federal sob acusação de envolvimento com lavagem de dinheiro, Pitta teve vários problemas com a Justiça relacionados a sua gestão na prefeitura. Ele explica que foi alvo de 10 ações civis públicas das quais cinco foram arquivadas ou extintas e cinco estão em andamento e 12 por improbidade administrativa das quais três foram arquivadas ou extintas e nove estão em andamento. As condenações, segundo ele, estão sendo questionadas por meio de recursos judiciais. Pitta assegura que nenhuma das acusações procede.

Na avaliação do ex-prefeito, “a questão racial pode explicar um nível maior de cobrança e menor tolerância com erros de negros, principalmente quando estão em funções de mando, decisão e exercício do poder”. Ele afirma sentir orgulho do sucesso de Barack Obama, considera pouco provável sua eleição, mas avalia que “sua contribuição à comunidade negra já é fato histórico”. A trajetória política de Obama, segundo Pitta, influencia a auto-estima e a determinação dos negros brasileiros.

Vitória Brasília de Souza Lima chegou ao mais alto cargo ocupado por uma mulher negra na Polícia Militar de São

Paulo. Por seu esforço, conquistou a patente de coronel. Hoje na reserva, ela diz que gostaria muito que houvesse mudanças positivas no Brasil a partir da eleição de um negro para a presidência dos Estados Unidos, mas não tem certeza de que isso irá acontecer.

– Tenho dúvidas de que alguma transformação substancial aconteça porque nossas histórias são diferentes, nossa colonização foi diferente, o cidadão brasileiro difere do americano – afirma a coronel Vitória que torce pela eleição de Obama e lembra que “umas das mulheres mais poderosas do mundo, Condolezza Rice, é negra e pertence ao governo atual dos Estados Unidos”. Este fato, na opinião dela, tem reflexo positivo para a mulher negra no Brasil.

Já o cantor Agnaldo Timóteo é cético. “Por que imaginar que, se Obama for eleito, mudará alguma coisa no Brasil se os próprios brasileiros não elegem negros”, questiona ele, observando que não se sabe, hoje, se o candidato democrata americano está preparado para o cargo que pleiteia.

– Nem sabemos se ele está preparado para ser presidente da maior potência do mundo como Lula se preparou para ser presidente do Brasil. Competência, dignidade e seriedade administrativa não são privilégio de etnia, mas de quem é competente para tal função – encerra o cantor que já foi vereador no Rio, deputado federal e, hoje, é vereador na cidade de São Paulo.

Da esquerda para direita: senador Paulo Paim (PT/RS), deputada federal Janete Pietá (PT/SP), Celso Pitta, ex-prefeito de São Paulo, Agnaldo Timóteo (vereador PR/SP).





Sim, eles podem

MICHELLE, MULHER DE UM DOS POLÍTICOS NEGROS MAIS IMPORTANTES DE WASHINGTON HOJE, ESTÁ GRÁVIDA DE SEU TERCEIRO FILHO. O BEBÊ DEVE NASCER AINDA NESTE ANO E COMPLETAR SEU PRIMEIRO ANIVERSÁRIO NUMA RESIDÊNCIA OFICIAL. ELA ACOMPANHA DE PERTO A CORRIDA PRESIDENCIAL NORTE-AMERICANA, SEM MUITAS PREOCUPAÇÕES. SEU MARIDO JÁ ESTÁ ELEITO.

Por: SÉRGIO DÁVILA

CORRESPONDENTE DA FOLHA EM WASHINGTON.

Michelle, uma advogada de 37 anos, é casada com Adrian Fenty, de mesma idade, o jovem prefeito de Washington. Com Cory Booker, 39, prefeito de Newark, Deval Patrick, 51, governador de Massachusetts, e o ex-deputado Harold Ford Jr., 38, do Tennessee, todos negros e democratas, ele forma a novíssima geração de políticos nascidos na mesma época ou logo após o Ato dos Direitos Civis, de 1964, lei federal que tornou a segregação ilegal nos Estados Unidos.

Estudaram nas melhores universidades norte-americanas, a maioria se formou em direito, são quase todos do sexo masculino e chegaram aos cargos a que chegaram ao ampliar a base de eleitores para além do voto negro. Barack Obama, 46, é o representante mais conhecido, mas está longe de ser o único. O consenso é que, se Barack Obama não fosse Barack Obama, o "posto" seria ocupado por um outro da mesma turma - eles são amigos. Todos estavam maduros. O candidato democrata à sucessão de George W. Bush na Casa Branca só soube captar, melhor e antes, o "zeitgeist", o espírito do ambiente político norte-americano atual. E foi mais bem-sucedido.

Há preconceito, sim, mas é "preconceito em resposta", reação ao preconceito branco. Um dos motivos pelo qual o leitor não

terá ouvido falar dos outros nomes é que eles evitam se apresentar ao público como tal, um bloco de políticos negros em ascensão. Não querem afugentar o eleitorado branco, sem o qual sabem que não teriam saído do gueto que restringiu seus pais.

Vem daí uma das críticas comuns feitas a Barack Obama: a de que ele não é negro o suficiente. O candidato tem surfado na onda da maioria, segundo as pesquisas de intenção de voto, ao não se enquadrar em nenhuma definição. Não é progressista, não é conservador, não é elitista, não é popular. Não é branco, não é negro. Daí também a vaguedade de suas propostas e slogans, que servem a todos de acordo com o gosto de quem as ouve.

"Sim, nós podemos." "Não neste ano, não desta vez." "Mudança na qual nós podemos acreditar." "Nós somos aqueles pelos quais nós esperamos", o meu preferido, que poderia ter saído da boca de Neo, o personagem de Keanu Reeves na distopia cinematográfica "Matrix".

Ele não se enquadra em nenhuma definição, para se enquadrar na que mais importa: presidente.

s.davila@folhasp.com.br

PUBLICADA NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO DIA 06/07/2008



A cultura brasileira vai mostrar sua cara.

Estão abertas as inscrições para projetos culturais que receberão patrocínio da CAIXA em 2009. Entre no site da CAIXA, consulte os editais e inscreva seu projeto. A CAIXA quer ver o Brasil inteiro aplaudindo a sua arte.

Relação de editais e datas de aberturas

- Ocupação dos Espaços CAIXA Cultural
21/7 a 5/9
- Festivais de Teatro e Dança
25/8 a 26/9
- Programa Artesanato Brasil
25/8 a 26/9
- Programa CAIXA de Adoção de Entidades Culturais
27/10 a 28/11
- Programa de Revitalização do Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro
27/10 a 28/11

Para mais informações, acesse o site:
caixa.gov.br/caixacultural

Políticos negros da história

POR: CAMILA VICENTE

A HISTÓRIA DO BRASIL REGISTRA ALGUNS NOMES DE REPRESENTANTES NA ÁREA POLÍTICA QUE - COM A CANETA EM PUNHO, IDÉIAS E AÇÕES - CONTRIBUÍRAM PARA POR FIM AO PERÍODO MAIS TRISTE E VERGONHOSO DO PAÍS.

ANDRÉ PINTO REBOUÇAS (1838 -1898) foi um engenheiro e abolicionista brasileiro, assim como seu irmão Antônio Pereira Rebuças Filho (1839 -1874). Os irmãos Rebuças ganharam fama no Rio de Janeiro, então Capital do Império. André, ao solucionar o problema de abastecimento de água, trazendo-a de mananciais fora da cidade; Antônio, ao construir as estradas de ferro de Campinas a Limeira e a Rio Claro e de Curitiba a Paranaguá e a rodovia de Antonina a Curitiba, elevada sobre a Serra do Mar. Ao lado de Machado de Assis e Olavo Bilac, foram representantes da classe média brasileira com patente ascendência africana e das vozes mais importantes em prol da abolição da escravatura. Incentivaram a carreira de Carlos Gomes, autor da ópera O Guarany.

André Rebuças atuou como membro do Clube de Engenharia e foi muitas vezes designado para receber engenheiros estrangeiros em suas visitas ao Brasil, por seus conhecimentos técnicos e fluência em inglês e francês. Ajudou a criar a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, ao lado de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e outros. Participou da Confederação Abolicionista e redigiu os estatutos da Associação Central Emancipadora. Publicou diversos artigos em jornais contra a escravidão, em defesa da conciliação entre as classes, do trabalho assalariado e contra a injustiça para com o negro.

Monarquista convicto, Rebuças seguiu para o exílio com D. Pedro II. Percorreu alguns países da Europa, e seguiu para a África. Morou na Ilha da Madeira, onde permaneceu até suicidar-se em 1898.

JOSÉ DO PATROCÍNIO (1853 – 1905), senhor por parte de pai, escravo por parte de mãe, viveu na pele todas as contradições da escravatura. Nascido em Campos (RJ), um dos pólos escravagistas do país, mudou-se para o Rio de Janeiro e começou a vida como servente de pedreiro na Santa Casa de Misericórdia



do Rio. Pagando o próprio estudo, formou-se em farmácia. Em 1875, porém, descobriu a verdadeira vocação ao um jornal satírico chamado "Os Ferrões". Começava ali a carreira de um dos mais brilhantes jornalistas brasileiros de todos os tempos. Dono de um texto requintado e viril, José do Patrocínio - que de início assinava Proudhon – tornou-se um articulista famoso em todo o país. Conheceu a princesa Isabel, fundou seu diário, a "Gazeta da Tarde" virou o "Tigre do Abolicionismo". Em maio de 1883, criou, junto com André Rebuças, uma confederação unindo todos os clubes abolicionistas do país. A revolução se iniciara. "E a revolução se chama Patrocínio», diria Joaquim Nabuco. Pouco depois de a princesa Isabel assinar a Lei Áurea, Patrocínio, com 35 anos incompletos, viu seu novo jornal, "A Cidade do Rio" (fundado em 1887) virar porta-voz da monarquia – em tempos republicanos. Foi acusado de estimular a formação da "Guarda Negra", um bando de escravos libertos que agiam com violência nos comícios republicanos. Era um "isabelista". Em 1889, aderiu ao movimento republicano: tarde demais para agradar aos adeptos do novo regime, mas ainda em tempo para ser abandonado pelos ex-aliados. Em 1892, depois de atacar o ditador de plantão, marechal Floriano, Patrocínio foi exilado na Amazônia. Rui Barbosa o defendeu, num texto vigoroso. "Que sociedade é essa, cuja consciência moral mergulha em lama, ao menor capricho da força, as estrelas de sua admiração?" Em 93, Patrocínio voltou ao Rio, mas, como continuou o "Marechal de Ferro", seu jornal foi fechado. A miséria bateu-lhe à porta e Patrocínio mudou-se para um barracão no subúrbio. Por anos, dedicou-se a um projeto delirante: construir um dirigível de 45 metros de comprimento. A nave jamais se ergueria do chão.



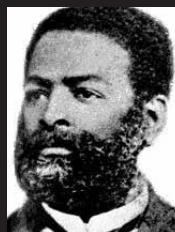
NILO PEÇANHA- Advogado, nascido na cidade de Campos, estado do Rio de Janeiro, em 2 de outubro de 1867. Formou-se bacharel pela Faculdade de Direito de Recife (1887). Fundador e presidente do Clube Republicano de Campos e do Partido Republicano Fluminense - PRF, em

Campos-RJ (1888). Renunciou ao cargo de senador para assumir a presidência do estado do Rio de Janeiro (1903-1906). Foi eleito vice-presidente da República em 1906 e, com o falecimento de Afonso Pena, assumiu a presidência em 14 de junho de 1909. Três anos depois assumia o cargo de senador pelo Rio de Janeiro, estado do qual tornou-se mais uma vez presidente, entre 1914 e 1917. Foi ministro das Relações Exteriores (1917) no governo de Delfim Moreira e, em 1921, concorreu à presidência da República na legenda da Reação Republicana, sendo vencido nas urnas por Artur Bernardes. Durante o breve mandato de Nilo Peçanha, a campanha eleitoral para a presidência da República tornou-se uma acirrada disputa entre os candidatos Hermes da Fonseca, sobrinho do ex-presidente marechal Deodoro da Fonseca e ministro da Guerra do governo de Afonso Pena, e Rui Barbosa. Paulistas e mineiros, que durante anos estiveram unidos em torno de um mesmo candidato, fazendo a conhecida "política do café com leite", desta vez estavam em lados opostos. Hermes da Fonseca foi apoiado por Minas Gerais, pelo Rio Grande do Sul e pelos militares, enquanto o candidato Rui Barbosa recebeu o apoio de São Paulo e da Bahia. A campanha de Rui Barbosa ficou conhecida como "campanha civilista", ou seja, como uma oposição civil à candidatura militar de Hermes da Fonseca. O estado de São Paulo proporcionou os recursos financeiros necessários à campanha de Rui Barbosa, que percorreu o país procurando o apoio popular, fato inédito na vida republicana brasileira.

O presidente Nilo Peçanha enfrentou o agravamento dos conflitos entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais decorrentes da campanha civilista, realizando intervenções em alguns estados para garantir a posse dos presidentes aliados ao governo federal. Uma das intervenções ocorreu no estado do Amazonas no intuito de apoiar o presidente Antônio Bittencourt, de tendências civilistas, que havia sido destituído pelo seu vice Sá Peixoto, com o apoio de Pinheiro Machado.

Esse episódio levou ao rompimento definitivo de Nilo Peçanha com o influente líder do Partido Republicano Conservador, o gaúcho Pinheiro Machado.

Dentre suas realizações, destacaram-se o impulso ao ensino técnico-profissional, a reorganização do Ministério da Agricultura e a criação do Serviço de Proteção ao Índio, sob a direção do tenente-coronel Cândido Rondon.



LUÍS GAMA - Tal como José do Patrocínio, foi filho de uma miscigenação de cores. Seu pai era branco, de rica família da Bahia, e sua mãe era uma africana rebelde. Contudo, um episódio trágico faria com que se afastasse da mãe, exilada por motivos políticos, e fosse vendido como escravo pelo próprio pai, vendo-se à beira da falência. Assim, viveu na própria pele o cotidiano de um escravo. Foi para o Rio e depois São Paulo. Aprendeu a ler com ajuda de um estudante, no lugar onde trabalhava como servente, mas logo fugiu – pois sabia que sua situação era ilegal, já que era filho de mãe livre. Daí trabalhou na milícia, em jornais, escrevendo poesia e como advogado, até conhecer Rui Barbosa, Castro Alves e Joaquim Nabuco, com quem se uniria para lutar pelo fim da escravidão. Fez do exercício da advocacia uma oportunidade para defender e libertar escravos ilegais.

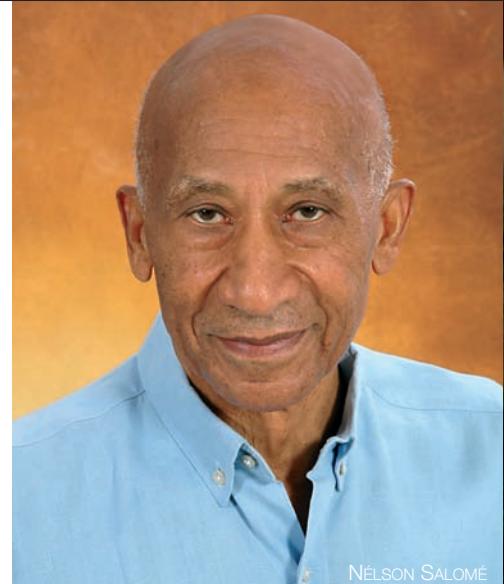


JOÃO DA CRUZ E SOUSA - Filho de negros, desde pequeno recebeu a tutela e uma educação refinada de seu ex-senhor, o Marechal "Guilherme Xavier de Sousa" - de quem _adotou o nome de família. Aprendeu francês, latim e grego, além de ter sido discípulo do alemão Fritz Müller, com quem aprendeu Matemática e Ciências Naturais.

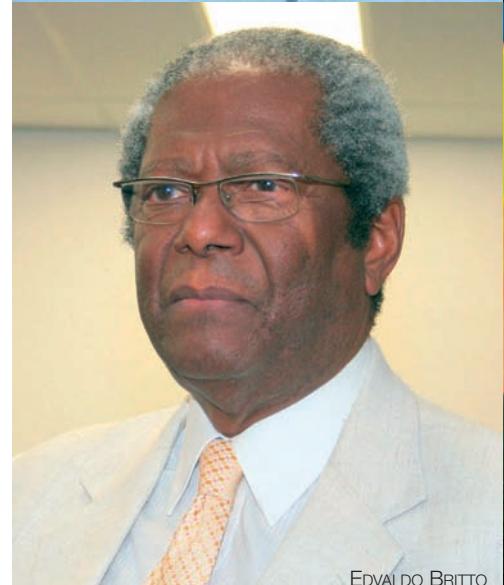
Em 1881, dirigiu o jornal Tribuna Popular, no qual combatia a escravidão e o preconceito racial. Em 1883, foi recusado como promotor de Laguna por ser negro, e dois anos depois lançava seu primeiro livro, Tropos e Fantasias, em parceria com Virgílio Várzea. Cinco anos depois foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil, colaborando também com o jornal Folha Popular. Em Fevereiro de 1893, publica Missal (prosa poética) e em agosto, Broquéis (poesia), dando início ao Simbolismo no Brasil, que estende-se até 1922. Faleceu a 19 de Março de 1898. Integrou a Academia Catarinense de Letras, de cuja cadeira 15 é patrono.

Nomes que fazem a história

AS MAIORES OPORTUNIDADES DE INSERÇÃO DO NEGRO NA POLÍTICA BRASILEIRA SE CONCENTRAM NAS CÂMARAS MUNICIPAIS, PORTA DE ENTRADA DO NEGRO NO PODER POLÍTICO, POIS EXIGEM MENOS RECURSOS ECONÔMICOS E OFERECEM MENOS DIFICULDADES, UMA VEZ QUE SÃO CONSIDERADAS DE MENOR IMPORTÂNCIA.



NÉLSON SALOMÉ



EDVALDO BRITTO



ALBUINO DE AZEREDO



ALCEU COLLARES



THEODOSINA RIBEIRO



SEBASTIÃO ARCANJO - TIÃOZINHO



ADALBERTO CAMARGO

O NEGRO JÁ TEVE UMA REPRESENTAÇÃO MAIS FORTE
NO PODER DO QUE NOS DIAS ATUAIS. POR QUE?
CONHEÇA ALGUNS NOMES QUE FIZERAM
E FAZEM A HISTÓRIA ATÉ HOJE.

ABDIAS DO NASCIMENTO

Primeiro deputado federal negro (1983-1987) e senador da República (1991-1999).

ALBUINO DE AZEREDO

Governador do Estado do Espírito Santo de 1991 a 1995. Um dos primeiros governadores negros da história do país.

EDVALDO BRITTO

Primeiro e único negro que ocupou a cadeira de prefeito em Salvador, em 1978.

ALCEU COLLARES

Primeiro prefeito negro da capital gaúcha, e também o primeiro governador negro do Rio Grande do Sul. Foi eleito deputado federal em 1998, cargo para o qual se reelegeu em 2002.

ADALBERTO CAMARGO

O ex-deputado federal foi eleito pela 1ª vez em 1966 por São Paulo, com quatro mandatos consecutivos.

THEODOSINA RIBEIRO

Primeira deputada estadual negra, eleita em 1970 para a Assembléia Legislativa de São Paulo, da qual foi presidente. Antes foi vereadora. Na mesma década, Paulo Rui de Oliveira foi o primeiro vereador negro eleito para a Câmara Municipal de São Paulo.

MARCELO DE SOUSA CÂNDIDO

Prefeito de Suzano (interior de São Paulo).

NELSON SALOMÉ

Foi Vereador de Araras (SP), de 1977 a 1982 e de 1983 a 1988. Deputado Estadual de 1991 a 1994. Reelegido em 1994 e em 1998, em seu terceiro mandato.

SEBASTIÃO ARCANJO - TIÃOZINHO

Deputado Estadual eleito em 2002.

JOÃO DO PULO

Eleito deputado estadual em 1986. Reelegido em 1990.

VICENTE CÂNDIDO

Eleito vereador em 1996 e reeleito em 2000 e depois deputado estadual. Foi reeleito em 2007.

JOSÉ CÂNDIDO

Tinha 19 anos, quando liderou o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Oriente e região. Deputado Estadual/ PT.



Vilão que incomoda

MILTON GONÇALVES DÁ UM SHOW EM A FAVORITA
NA PELE DO CORRUPTO DEPUTADO ROMILDO ROSA

O papel do político Romildo Rosa em *A Favorita*, novela da Rede Globo, interpretado por Milton Gonçalves vem criando polêmica. O deputado estadual do PT, José Cândido não gostou do personagem caracterizado um político corrupto. Cândido entende que o papel reforça uma imagem estereotipada do negro e pode influenciar a disputa eleitoral deste ano. Surgiram comentários na mídia de que Rosa seria uma forma de atingir o candidato norte-americano Barack Obama nas eleições americanas. “A atuação de Milton Gonçalves dá má impressão do negro à população”, reforçou Cândido, até

porque quase não há político negro no País e a novela sugere que os poucos que há são corruptos. Milton ressalta, no entanto, que o fato de São Paulo ter 640 municípios e somente um deputado negro na Assembléia estadual não faz jus a história do negro na política da Cidade.

“Nós negros nunca paramos de lutar, mas isso não aparece na história”, diz o ator, recordando a força que a Frente Negra Brasileira teve há anos atrás. O movimento social que contribuiu nas lutas pelas conquistas do negro, inclusive no campo político, acreditava na necessidade de um partido

que verdadeiramente representasse os negros. A Frente chegou a se firmar em 15 estados, até sua extinção no governo Getúlio Vargas.

Filiado ao PMDB, Milton Gonçalves reconhece ter sido mais ativista. No passado foi candidato a deputado e a governador do Rio de Janeiro. “Nos EUA onde o negro é 14% da população, há um candidato à Presidência, que espero que seja eleito. No Brasil, onde somos a metade da população, não temos um candidato”, questiona.

JANELA DA SOCIEDADE

O ator afirma não estar preocupado com a influência que seu personagem pode ter num ano eleitoral. “Não acredito que o personagem Romildo possa influenciar a eleição. Entretanto, caso isso ocorra deve servir de alerta para as pessoas”, afirma. Segundo ele, a TV não muda costumes, é apenas “a janela da sociedade”. Aos 74 anos, 43 só de Globo, Milton Gonçalves sempre brigou por papéis que iam além dos escravos e empregados, exclusivamente reservados aos negros. Quase

foi demitido quando se posicionou contra a decisão de pintar Sérgio Cardoso de preto para interpretar o escravo protagonista de *A Cabana do Pai Tomás*, no final dos anos 60. Na peça *A Mandrágora*, por exemplo, iniciou interpretando um escravo e depois acabou fazendo o papel de Gianfrancesco Guarneri. Para ele, os negros ainda representam uma pequena parcela de atores na TV, em comparação ao

número de negros do Brasil.

Frente a essa polêmica toda, o ator acredita que mesmo diante do sentimento negativo da abordagem de seu papel: vilão é vilão, independente da etnia. “O fato de ser negro não significa que não possa ser desonesto, corrupto, bandido, safado, tanto quanto o branco. Para esses casos, a população branca já tem um papel de perdão. Ao contrário dos negros que se acusam muito mais”.

Discorrendo sobre sua preferência por interpretar vilões, “até

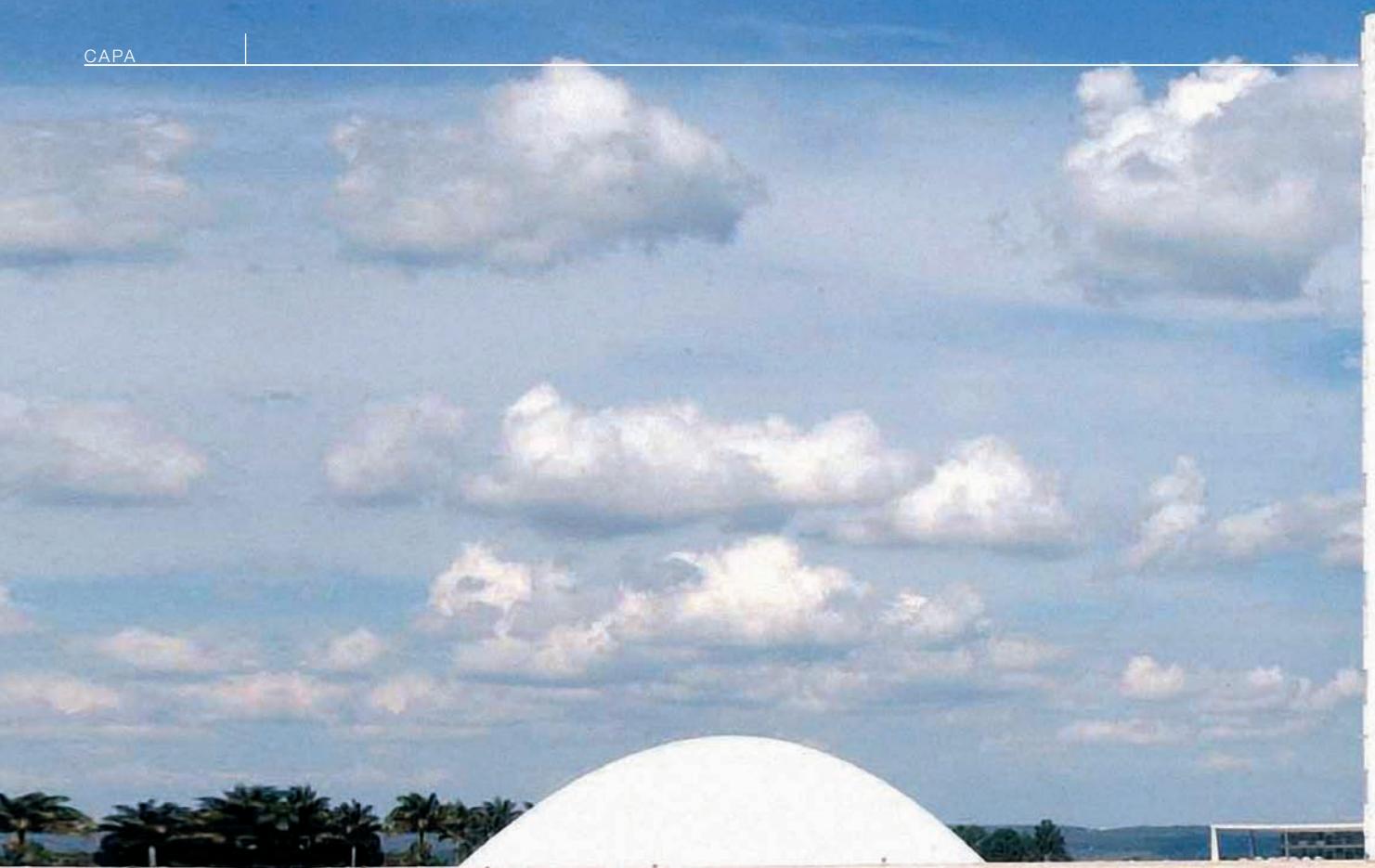
porque esses personagens mexem com as estruturas sociais”, Milton Gonçalves lembrou-se que os vilões que fez redundaram em grandes discussões, mas não incomodaram tanto quanto Romildo Rosa. “Se eu ficar os próximos 2 anos sem interpretar outro personagem, as pessoas vão esquecer do Romildo Rosa”, sentencia.

FALTA CONSCIENTIZAÇÃO

Não há outro caminho para a ascensão do afrodescendente brasileiro nos mais diversos campos, principalmente o político, sem cultura ou educação, acredita Milton Gonçalves. Ele reivindica o pouco espaço (ou quase nenhum)

que a mídia vem dedicando aos 120 anos da Abolição, ou ainda, aos 100 anos da morte de Machado de Assis. O mesmo não acontece com os 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Apesar da crítica, o ator enaltece a admiração que sente pela raça nipônica. “No passado, cheguei a praticar artes marciais. Aprendi com eles a ter disciplina, respeito e humildade”, finalizou.

“
O FATO DE SER NEGRO
NÃO SIGNIFICA QUE NÃO
POSSA SER DESONESTO,
CORRUPTO, BANDIDO,
SAFADO, TANTO QUANTO
O BRANCO. PARA ESSES
CASOS, A POPULAÇÃO
BRANCA JÁ TEM UM PAPEL
DE PERDÃO. AO CONTRÁRIO
DOS NEGROS QUE SE
ACUSAM MUITO MAIS”



O papel do negro na política brasileira

A CANDIDATURA DE BARACK OBAMA À PRESIDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS CONVIDA A UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DO NEGRO NA POLÍTICA BRASILEIRA. PARA ALGUNS ANALISTAS, OBAMA SERIA A TRADUÇÃO POLÍTICA DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO DOS SEGMENTOS NEGRO E LATINO DA SOCIEDADE AMERICANA, MUITO MAIOR DO QUE O AUMENTO POPULACIONAL DOS DEMAIS SEGMENTOS.

POR: GABRIEL JORGE FERREIRA
PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS (CNF)



tais distinguem a atuação política de negros nos Estados Unidos e no Brasil. Uma delas é a própria identificação do negro: enquanto nos EUA as pessoas são agrupadas, em termos de raça, por critérios objetivos (como grau de parentesco), no Brasil essa identificação é subjetiva e voluntária. Entre nós, negro é quem negro se declara ser. Outra diferença profunda é a atuação organizada, muitas vezes violenta, de negros americanos, que derivava da privação de direitos civis. No Brasil,

Para outros, o candidato seria evidência da vitalidade da democracia dos EUA, que oferece plataforma de expressão para a sociedade, independentemente de raça, sexo e credo dos candidatos. Diferenças fundamen-

onde a segregação racial jamais foi explícita, muito menos amparada pela lei, não floresceram movimentos como "Panteras Negras" ou de orientação islâmica, como o de Malcom X. Nosso país, que abriga a maior população negra fora da África e o segundo maior contingente negro do mundo, depois da Nigéria, ainda não ofereceu ao mundo exemplo semelhante ao de Obama. Haveria políticos negros brasileiros ou políticos brasileiros negros? Representam um grupo específico ou articulam interesses de toda a sociedade?

Há espaço, na democracia brasileira, para políticos que representam interesses de grupos específicos. Não há dúvida de que, no Brasil, a população negra constitui um segmento da população com interesses muito específicos. Nesse quadro, é importante a atuação do político negro brasileiro, que enfeixa, canaliza e expõe esses interesses.

Contudo, políticos brasileiros que representam interesses de grupos específicos enfrentam obstáculos de natureza ideológica e de natureza institucional.

No campo da ideologia, o principal obstáculo é a própria negação dos interesses específicos de alguns grupos. No caso da população negra do Brasil, uma tese recorrente é a de que seus interesses estariam vinculados a problemas de disparidade de renda e de desigualdade de oportunidades de educação, comuns a todos os brasileiros. Isto é, não haveria razão para se defender interesses específicos dos negros se toda a população passasse a gozar de prosperidade e de acesso a serviços públicos de qualidade, sobretudo educação e saúde. Outra é a de que os interesses desse segmento da população convergem para um problema único, que é o do preconceito racial. Como no Brasil há legislação que trata com rigor do problema e como formamos uma sociedade miscigenada, os interesses dos negros brasileiros tenderiam a se diluir no oceano dos interesses de toda a população. O político negro brasileiro exerce papel fundamental ao ressaltar que a população negra do Brasil, com história própria e riqueza cultural, terá sempre interesses específicos, que poderão se transformar, mas jamais desaparecer, à medida que nosso país se torna socialmente mais justo. O político negro brasileiro é importante agente da promoção desses interesses.

Políticos negros brasileiros lutam contra a ideologia que tenta negar os conflitos que singularizam os interesses da população negra. Lutam pela ampliação de direitos e garantias individuais sem abdicar de maior participação política. Desse esforço do político negro brasileiro nasce o político brasileiro negro. Sua ação fortalece e sedimenta o processo político que diz respeito a toda a população. O êxito de Barack Obama repousa na sua dupla militância como político negro americano e como político americano negro. A população negra dos EUA vê nele o porta-voz de suas ansiedades e insatisfações. Já os eleitores norte-americanos vêem no candidato uma alternativa para promover uma agenda política e econômica que diz respeito a todos os cidadãos. No Brasil, onde deputados, senadores, Ministros de Estado, prefeitos e Ministro do STF negros tanto contribuíram para transformar o país numa democracia moderna, seguramente teremos experiência semelhante, num futuro não muito distante. Até lá, é importante que os cidadãos se convençam de que não são meros pacientes da política, mas sim seus agentes - quando elegem e quando são eleitos.

O negro na gestão do governo paulista

A maior cidade da América do Sul, com seus 11 milhões de habitantes, São Paulo é a locomotiva econômica do País e participa em mais de 10% no PIB. Ocupa a 19ª colocação no ranking das cidades mais ricas do mundo e, segundo estudos da consultoria Price WaterHouse Coopers, deverá crescer 80% nos próximos 15 anos, alcançando a 13ª posição até 2020. Com setenta etnias e culturas diferentes, São Paulo é terceira maior cidade italiana do mundo, maior cidade libanesa, japonesa, portuguesa e espanhola fora desses respectivos países. Reúne uma verdadeira sociedade ecumênica. Afirmativa Plural entrevistou três principais candidatos à Prefeitura da cidade sobre as ações afirmativas e a situação do negro na esfera política do governo.

SEGUEM OS DEPOIMENTOS.

“

Nossa gestão em São Paulo possui diversos programas de interesse específico do negro e ações afirmativas de promoção da igualdade racial. Por meio da Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (Cone), estimulamos o diálogo e o debate sobre a situação do negro na cidade e promovemos o convívio de toda a população com a cultura negra. A influência dessa cultura é marcante na história de São Paulo e do Brasil, por isso, além de valorizar essas tradições pelo seu valor histórico, as políticas públicas desenvolvidas na cidade de São Paulo para a comunidade negra buscam justiça social e desenvolvimento. O negro tem participação ativa na atual gestão e continuará sendo formulador de políticas públicas em nosso próximo mandato.

”



*Gilberto Kassab, Prefeito de São Paulo
e candidato à reeleição*

“

Na minha administração, de 2001-2004, criei a Coordenadoria Especial de Assuntos da População Negra, que retomou a promoção da igualdade racial na cidade a partir do programa Municipal de Combate ao Racismo e Garantia da Diversidade". Fomos o primeiro governo a implementar um programa articulado entre as diversas secretarias, autarquias e empresas do poder público municipal, capaz de "transversalizar" ações de combate ao racismo, promovendo mudanças significativas na vida de negros e negras paulistanos.

Entre as ações que desenvolvemos na área de educação destacam-se:

- Parceria com o Senac e Prodam, instituindo políticas de cotas para acesso da juventude negra aos cursos de aperfeiçoamento e capacitação no trabalho.
- Foi elaborada e lançada a Bibliografia Afro-Brasileira. O acervo municipal foi ampliado com livros, vídeos e gibis para a valorização da cultura e história do negro Brasil.
- Criamos o Museu Afro Brasil no Parque Ibirapuera e transformei o Dia da Consciência Negra em feriado na cidade de São Paulo.

Eleita, darei continuidade e aperfeiçoarei tudo que foi feito para a promoção da igualdade racial na cidade de São Paulo. Pretendo estimular o mercado editorial de material didático e para-didático a produzir livros com conteúdo adequado às Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

No que diz respeito ao PT nas eleições municipais em São Paulo, dos 52 candidatos, nove são negros (seis homens e três mulheres), o que representa 17%. Hoje, nossa bancada municipal já conta com uma vereadora negra, Claudete Alves.



*Marta Suplicy,
ex-Ministra do Turismo
e candidata a prefeita
de São Paulo.*

”

“

Nossa gestão à frente da Prefeitura de São Paulo, se formos eleitos, será coerente com o histórico e a folha de serviços que temos prestado à luta pela igualdade racial no Brasil. Tenho orgulho em dizer que fui o primeiro governador de São Paulo a nomear um negro, o Dr. Hélio, para uma Secretaria de Estado. Não o nomeei por ser negro. É um advogado renomado, doutor em Direito, professor universitário e quadro destacado da OAB e do Movimento Negro. No segundo escalão, tivemos a preocupação de assegurar espaço para homens e mulheres negras, sempre levando em consideração o critério da competência e preparo para o exercício da administração pública. Em nosso governo, as Fatec's passaram a adotar o critério de pontuação acrescida para estudantes negros e pobres. Também adotamos esse princípio nos concursos para Defensor Público. Criamos a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância. Introduzimos debate importante sobre a discriminação racial nos currículos das escolas da Polícia Militar e da Polícia Civil. Fui o primeiro governador da cidade a pisar numa comunidade de quilombo, a de Caçandoca, em Ubatuba. Na área de educação, com a ajuda de Elisa Lucas, presidente do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, treinamos quase 15 mil professores para trabalhar a temática da discriminação racial e da valorização da diversidade em sala de aula. Na área de saúde, adotamos medidas para diagnosticar enfermidades que atingem com mais

intensidade a população negra. Sem falar do nosso apoio à Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.

O conceito de ação afirmativa, de políticas de promoção da igualdade, não se esgota nas cotas. Há outras medidas que o Poder Público pode e deve tomar, em licitações, estímulos ao setor privado, publicidade institucional, educação e outros setores. Várias instituições de ensino superior já adotam cotas ou outras formas de política afirmativa no Brasil. Os resultados indicam que os alunos que ingressam pelo sistema de cotas têm tido desempenho semelhante daqueles que ingressam pelo sistema universal. Trata-se, portanto, de política exitosa, que deve ser aprofundada e aplicada em outras áreas, até que o Brasil supere o injusto quadro de discriminação que atinge a população negra.

”



*Geraldo Alckmin,
ex-governador de São Paulo e
candidato a prefeito de São Paulo.*



Robin Hood do Rap

POR ISABELLA DE LUCA E ZULMIRA FELICIO

DE UMA INFÂNCIA POBRE QUE PODERIA CONDUZÍ-LO
À CRIMINALIDADE, GRAÇAS AO HIP-HOP SUA VIDA TOMOU OUTRO RUMO

Antônio Luiz Jr., mais conhecido por seu apelido, Rappin' Hood teve uma infância humilde no bairro do Limão e depois se mudou para Vila Arapuá (ao lado da favela de Heliópolis), na cidade de São Paulo. Quando pequeno, seu apelido era outro: Ataliba. Mas como já existia outro Ataliba, da banda Região Abissal, teve que mudá-lo. Foi no metrô São Bento, reduto dos rappers da capital paulista, que o nomearam de Robin Hood do rap, e deste, o apelido resultou em Rappin' Hood.

Rappin' Hood dança break (dança de rua) desde os dez anos de idade, quando começou a freqüentar a região do metrô. Foi lá que conheceu os fundadores do hip-hop no Brasil, como Thaíde, DJ UM, Região Abissal, entre outros. Eles foram tão importantes a ponto de salvarem sua vida e o livrarem da

criminalidade. Além disso, o fato de ter vitiligo (doença hereditária onde há a perda da pigmentação natural da pele) desde pequeno, impedia o de andar em más companhias, pois seu rosto seria facilmente reconhecido caso fosse envolvido em algum tipo de crime.

RAP E HIP HOP

No começo da carreira, ele já fazia seu break independente, lembrando que toda a vilinha tinha um representante. Na época, freqüentava os bailes de periferia, o Clube da Cidade, Chic Show, Neon Clube, Viola de Ouro e até mesmo o Palmeiras, pagando a entrada com seu trabalho suado como office-boy. Nos anos 80 descobriu a realidade das favelas e passou também a admirar

o pagode de raiz cantado por Zeca Pagodinho e Fundo de Quintal, tanto que acabou virando fã de Almir Guineto.

Alegre e descontraído, ele explica a diferença entre o rap (que é o som que ele produz) e o hip-hop: “O hip-hop é um movimento cultural, é a cultura de rua em que há a reivindicação de espaço e voz da periferia. O rap é apenas um elemento do hip-hop”, diz. Para ele, no Brasil, o rap ainda é enraizado, diferente dos Estados Unidos, onde bandas como o 50cent se voltaram para o lado comercial. Hoje, o rap já ultrapassou a periferia, sendo muito escutado também pelas camadas A e B da sociedade. Entretanto, Rappin’ Hood não se sente incomodado com esse novo público. O cantor acredita que “sempre terá um menino que vive a realidade do rap escutando a música. Isso que é importante”.

ALÉM DAS MÚSICAS

Cantando sozinho ou depois no grupo Posse Mente Zulu, sua missão já ia além da música. Assim, ajudava em palestras e oficinas e fundou a rádio comunitária na favela de Heliópolis. Por seis anos e meio trabalhou no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA) do Ipiranga (bairro de São Paulo), ocupando os cargos de vice-presidente e presidente. Saiu de lá, quando a situação começou a tomar rumo político,

uma vez que nunca foi essa sua intenção. Hoje, Rappin’ Hood investe esforços na criação de sua própria ONG.

NOVO CD

Recentemente, Rappin ganhou o prêmio Orilaxé, do Grupo Cultural AfroReggae, como melhor cantor. “Surpresa, dizem que rapper não é cantor”, explica. Depois dos álbuns “Sujeito Homem” e “Sujeito Homem 2”, o rapper se prepara para gravar até o final deste ano seu próximo CD e DVD ao vivo.

Satisfeito, pois trabalhos não faltam, Rappin’ Hood segue com seu programa de rádio na 105 FM, “Rap Du Bom”, no ar há 8 anos. Aos sábados, das 20h00 às 24h00 apresenta o Manos e Minas, programa na TV Cultura (SP) que retrata a periferia com criatividade, com reprise às quartas-feiras, às 19h30. E, ainda, sobra tempo para divulgar novos talentos, como os dois novos rappers: Johnny MC e Liu MR e o CD do DJ Dri. Em 2005, Rappin’ Hood entrou para a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, onde começou a cursar Administração. “Quero saber administrar minha própria empresa”, dizia ele. Em função do crescimento profissional, teve que dar uma parada nos estudos, pois está difícil conciliar a agenda. Mas, em algum momento, ele volta para realizar seu sonho.



DNA da Diversidade

“ TODAS AS PESSOAS NASCEM LIVRES E IGUAIS EM DIGNIDADE E DIREITOS. SÃO DOTADAS DE RAZÃO E CONSCIÊNCIA E DEVEM AGIR EM RELAÇÃO UMAS ÀS OUTRAS COM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE. ”

ARTIGO I - DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS*

Elaborar um censo – uma verdadeira radiografia com os recortes de cor ou raça, gênero, faixa etária e deficiência, além de escolaridade e tempo de empresa na hierarquia interna – é uma das mais recentes propostas lançadas pelo Instituto Ethos. O objetivo é chamar a atenção das empresas através do mapeamento desses dados para a importância da valorização da diversidade como fator decisivo para a construção de uma sociedade justa e sustentável; além de estimular a adoção de ações em favor da inclusão e do respeito a segmentos com histórico de vulnerabilidades e desvantagens na sociedade.

“Não temos outro caminho senão buscar a valorização da

diversidade através da conscientização”, ressalta Fábio Barbosa, presidente da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban) e do Banco Real. “Na Febraban, inclusive, buscamos exemplos de melhorias em uma organização para implantar em outra. Com relação ao tema – diversidade - não devemos ter concorrência entre as instituições financeiras, mas sim compartilhar experiências.”

Fábio Barbosa frisou a importância de se fazer um levantamento de práticas de Relações Humanas, “afinal não está escrito em lugar algum que é para discriminhar negro, mulher...”. Neste sentido, realizaram um censo próprio com a



ODED GRAJEW, EDSON SANTOS, FERNANDO HADDAD, JOSÉ SERRA, PRESIDENTE LULA E MIGUEL JORGE



participação de 200 mil pessoas para avaliar o que realmente acontece nas organizações. “A idéia é quebrar paradigmas, reunir ações positivas para serem colocadas em prática. Em função disso, agora, os bancos vão ter que constituir comissões internas para debatê-las (as ações)”, diz.

Embora reconheça que a sociedade precisa de ações sociais, o executivo acredita que todos os cidadãos têm que fazer a sua parte. Num contexto maior exemplificou a parceria do Banco Real e da Unipalmares - Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, que tem em seu quadro de alunos 87% de afrodescendentes auto-declarados e que trabalha pela inclusão do afrodescendente no mercado de trabalho. Além dos 49 participantes iniciais do projeto, no segundo semestre, outros 35 alunos começam a estagiar. “Não é um mérito da nossa instituição, tampouco estamos fazendo um favor, esse resultado é mérito da pessoa que se prepara profissionalmente e cresce, portanto, sendo reconhecida no mercado. Nós, representantes das grandes empresas, temos a obrigação e o privilégio de dar o exemplo da inclusão”, sentencia Fábio Barbosa.

DESIGUALDADE É GRANDE

A desigualdade nas empresas em relação às mulheres, negros, jovens, pessoas com deficiência e com mais de 45 anos ainda é grande, apontam os levantamentos feitos pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. Em 2007, a mostra revelou que negros, por exemplo, apesar de constituírem 50% da população brasileira, representam apenas 25% das pessoas

empregadas nas empresas pesquisadas. Quando considerados os cargos executivos, a sub-representatividade se agrava, pois ocupam apenas 3,5% dessas colocações. “Temos condições de mudar essa realidade a médio e longo prazos”, afirma o ministro Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Entretanto, o ministro destaca que a responsabilidade primária é do Estado que deve oferecer condições plenas de desenvolvimento, principalmente ao jovem para que possa fazer uma opção futura de vida. Neste sentido, discorreu sobre a política de cotas, o Prouni e os investimentos em cursos técnicos para a formação de mão-de-obra qualificada, de modo a sustentar o processo de crescimento econômico do momento. “A primeira turma de alunos do Prouni se forma este ano. São cerca de 100 mil jovens, sendo 40 mil afrodescendentes, em busca de trabalho. É preciso convencer o mercado a criar medidas e ações para absorver esse contingente”, diz Edson Santos, apontando a experiência da Unipalmares nessa área.

Por ocasião da Conferência Regional das Américas Preparatória à Conferência Mundial contra o Racismo que aconteceu em Brasília, no final do primeiro semestre, o ministro lembrou que o Brasil foi citado como referência para a África, do ponto de vista de políticas públicas, até porque o País adotou algumas ações previstas no documento da conferência ocorrida em Durban, em 2001. Realmente, alguns avanços brasileiros foram ressaltados durante a conferência, como a criação da Lei 10.369 que torna obrigatório o ensino da cultura e da história africana



JOSÉ SERRA, LULA E MIGUEL JORGE



JOSÉ VICENTE E FÁBIO BARBOSA



na rede pública de ensino, embora a matéria ainda não seja ensinada na maioria das escolas. No entanto, "a situação do racismo, com destaque para a discriminação em comportamentos do cotidiano, é preocupante", ponderou durante aquele evento Vincent Defourny, representando a Organização das Nações Unidas para a Educação.

DA PORTA PARA FORA

Muito embora reconheça os importantes investimentos que as empresas fazem em projetos sociais, Ricardo Young, presidente do Instituto Ethos, destaca que essas ações "da porta para fora" não são suficientes. A diversidade muitas vezes faz parte da estratégia de responsabilidade social das empresas, mas isso não se reflete nas políticas de contratação. "As empresas podem contribuir para inúmeros projetos de inclusão social, mas de nada adiantará se da porta para dentro elas não conseguirem vencer esse enorme obstáculo que é o descompasso entre a intenção, a visão estratégica de diversidade e as práticas cotidianas nas nossas empresas que impedem a inclusão social e a promoção de gênero, de raça e das pessoas com deficiência", afirma.

Conforme autodeclaração de mais de 51 mil funcionários do Wal Mart que participaram de uma pesquisa interna, 45,8% são afrodescendentes. "Como quase metade do nosso quadro é formado por negros e pardos, eles ocupam cargos diversos. Temos também gerentes, diretores e um vice-presidente",

afirma Héctor Nuñez, presidente do Wal-Mart no Brasil. Presente no País desde 1995, a empresa conta com 70.000 empregados em 17 estados brasileiros.

Segundo Nuñez, o Wal Mart tem um extenso programa de diversidade. Há cerca de um ano e meio, criou o Grupo de Aprendizagem em Diversidade (GAD) que, como o próprio nome sugere, visa discutir mais a questão. "É um grupo multidisciplinar que tem como objetivo estudar, entender e propor melhorias para todos os grupos. O resultado mais recente, foi a extensão da licença-maternidade para seis meses para todas as funcionárias da empresa", orgulha-se.

Também a Petrobras mantém uma comissão de diversidade para a elaboração de propostas sobre as questões relacionadas ao tema. "Uma das grandes conquistas dessa comissão é o reconhecimento da união de casais do mesmo sexo, que passam a ter o direito de incluir os companheiros como dependentes do Plano de Saúde da Companhia e no Plano de Previdência", destaca Sue Wolter Vianna, responsável por Orientações e Práticas de Responsabilidade Social.

De 2003 até hoje, a Petrobras investiu cerca de R\$ 30 milhões em projetos voltados para geração de emprego e renda, educação e ações afirmativas junto a comunidades afrodescendentes, incluindo quilombolas, nas quais estão sendo atendidas cinco mil famílias. Entre os principais parceiros nessas iniciativas estão a Seppir, Instituto Palmares de Direitos Humanos (IPDH), Centro de Articulação de Populações



Marginalizadas (CEAP) e a Central Única das Favelas (CUFA). Outros projetos têm o apoio da Petrobras, como a Incubadora Afro-brasileira que estimula o empreendedorismo de 450 profissionais; a Escola Profissionalizante do Ilê, da Bahia, que proporciona cursos de elétrica, culinária, sapataria e informática para 240 alunos; e o Encantar, que trabalha com formação de 120 bailarinos no Rio de Janeiro.

"Agora, com a realização do Censo para a Diversidade do Ethos será possível mapear a diversidade humana e cultural entre os empregados da companhia, o que irá fornecer subsídios para a análise da situação atual - incluindo a participação de negros nos cargos de gerência e diretoria - e a proposição, se for o caso, de políticas mais adequadas para cada situação", argumenta Sue Wolter Vianna.

O CENSO

O evento Encontro de Presidentes para o lançamento do Censo da Diversidade foi promovido pelo Instituto Ethos e pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, e se insere nas comemorações dos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, os 10 anos do Instituto Ethos, além dos 20 anos de democracia plena no País. Na oportunidade, estiveram presentes o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o governador de São Paulo, José Serra, o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, e cerca de 250 presidentes ou diretores de grandes empresas.

O presidente Lula ressaltou que diversidade é um desafio de toda a sociedade, inclusive das empresas. "O compromisso reafirmado aqui por presidentes de grandes empresas demonstra que esse não é um objetivo acalentado apenas pelo governo, por um partido ou por uma esfera da nação. Quando dirigentes de cadeias produtivas afirmam que sua responsabilidade não se restringe apenas a produzir mercadorias, mas, também a produzir uma sociedade justa, é porque uma mudança qualitativa está se operando no organismo nacional."

"Os painéis apresentados durante esse evento culminam em propostas concretas, de continuidade, mas sem formalidade, sem aprovar nada, para não superpor organismos, instâncias e fóruns já existentes. É uma bateria de idéias novas. E nasce daqui um diálogo melhor entre empresas e governo federal, e entre entidades como o Ethos e outras organizações do Terceiro Setor, para enfrentar pelo menos esses cinco eixos na afirmação dos Direitos Humanos com novas políticas, com mais condições de êxito e de avanço palpáveis", discorreu o ministro Paulo Vanucchi, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

A publicação "Diversidade e Eqüidade - Metodologia para Censo nas Empresas" está disponível para download no site do Instituto.

* Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948

Igualdade para as mulheres



NILCÉA FREIRE

No evento Encontro de Presidentes, do Ethos, durante a palestra Promoção da Eqüidade de Gênero foram apontadas as conquistas realizadas pelas mulheres. Há 60 anos, elas não podiam sequer freqüentar as salas de aula de uma universidade. Hoje, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2006, as mulheres representam mais da metade (52,6%) da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil e também estudam mais que os homens: 7 anos contra 6,8 anos.

É notável a presença feminina em diversos setores da sociedade brasileira, até mesmo nos predominantemente masculinos. Ainda assim, existem desigualdades no mundo empresarial, por que os salários não são compatíveis nem as oportunidades igualmente distribuídas.

Neste sentido, existe a idéia de que políticas públicas devem ser feitas a favor do sexo feminino. “Há 15, 20 anos tudo se ajeitava na conversa doméstica. Hoje, quando a contribuição econômica das mulheres está em expansão, como iremos dar conta de compartilharmos a produção de bens e consumo? Além disso, as tarefas reprodutivas são de igual importância para a sociedade”, discorre a ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Para tanto, a Secretaria criou o “Programa Pró-Eqüidade de Gênero” em parceria com o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para

a Mulher (Unifem) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Na prática, o programa visa promover a igualdade entre homens e mulheres em organizações públicas e privadas. Os Comitês de Gênero do programa se responsabilizam pelo desenvolvimento de propostas a fim de mudar o perfil das relações de gênero no trabalho. A adesão das empresas é voluntária.

ABISMO COLOSSAL

A ministra ressalta ser vergonhosa a situação econômica das mulheres negras no mercado de trabalho. “Elas recebem em média 32% da remuneração de um homem branco. Isso é um abismo colossal”. Por isso, no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, Nicéa criou um recorte racial em um capítulo relacionado ao enfrentamento do racismo, sexism e lesbofobia, que tem como objetivo ampliar o conhecimento sobre os temas, superar as dimensões de desigualdade e reduzir os índices de racismo institucional contra mulheres, garantindo o acesso eqüitativo às diferentes políticas públicas.

Nilcéa reforça, ainda, que as diferenças de sexo não podem ser negadas, mas que são válidas para o ambiente de trabalho. “Cientificamente está comprovado que o fato das mulheres serem mais compassivas, preocupadas e emocionais agrupa valores positivos ao trabalho”, argumenta a ministra.



**Todo mundo vai querer abastecer.
Cartão Combustível do HSBC.
Parte do que você gasta nos postos volta para você.**



Com o Cartão Combustível do HSBC,
parte do que você gasta nos postos volta para
você como crédito na fatura*. Saiba mais no
querominhapartedevolta.com.br

HSBC 
No Brasil e no mundo, HSBC

O Brasil é um país sem marca



“MARCA NÃO É UMA PRERROGATIVA DAS GRANDES CORPORAÇÕES, MAS SIM DE QUÊM TEM IDÉIAS. SE A PESSOA CONSEGUE TER UMA GRANDE IDÉIA, CONSEGUE TER UMA GRANDE MARCA”



A afirmativa é de José Luiz de Paula Jr., artista plástico, há anos consagrado no setor de design de embalagens para cosméticos, incluindo perfumes, sua especialidade. O executivo conta que certa vez, na abertura de uma feira no exterior, um jornalista o questionou: "Por que aqui não há participação de produtos brasileiros? Respondi que a ausência justificava-se por questões econômicas. Discutindo, ele argumentou: A realidade é uma só, o Brasil aprendeu a produzir, distribuir, mas não consegue fazer gestão de marca, não consegue gerenciar marca. Tive que concordar. O Brasil é um país sem marca. Só não perdemos a marca cupuaçu para o Japão porque não há “ç” no alfabeto japonês. Prova disso, é que exceto as institucionais, as marcas conceituais foram parar nos mercados estrangeiros. Os produtos brasileiros não têm valor agregado, porque não têm marca". No segmento da moda, também o nome por si só não basta. Estilistas como Gianni Versace, Giorgio Armani, a partir do momento em que começaram a criar perfumes, óculos, bolsas, relógios passaram a ter marca. Descobriram que ninguém sobrevive só com moda, a não ser as indústrias. E, de acordo com este princípio, José Luiz começou a trabalhar com conceitos de marcas.

SOB O MESMO GUARDA-SOL

Passadas quase três décadas, hoje o designer dedica-se quase que exclusivamente à JL Paula Negócios e Desenvolvimento Humano. Além desta, outras quatro empresas compõem o grupo BII – Business Idea Inovation (com 57 funcionários): Editora Cusman (fundada em 1992), JLC Design, Aura Eventos

e a BBPró Banco Brasileiro de Projetos e Negócios, a caçula, que existe há um ano e meio.

Ao falar sobre as empresas do grupo, José Luiz de Paula Jr. não esconde uma ponta de orgulho. Não sem motivos, a JLC é responsável pela criação de mais de 400 marcas de perfumes e cosméticos em instituições e empresas. A revista Cosmética é líder de mercado sul-americano, isto é “é a principal revista do setor, do México à Patagônia. Somos também líderes sul-americanos no segmento de revista de embalagens para cosmético, com a publicação Packing Cosmética”, enfatiza. A atuação forte do grupo em setores emergentes, em nichos de mercados desprivilegiados, vem somando bons resultados. Como exemplo, o executivo citou a mudança estratégica de 80% das drogarias que, anteriormente, trabalhavam somente com medicamentos e genéricos. “Nossa proposta foi sugerir a venda de produtos de higiene e cosmético. Hoje, esses estabelecimentos ganharam nova dimensão, também graças à parcela de contribuição da revista Mais Sucesso, editada pela Cusman”, afirma. Também o BBPró vem se lançando em vôos cada vez mais altos. O empreendimento nasceu da necessidade dos empresários interessados em investir no setor cosmético. O banco desenvolve os produtos, sendo os dividendos dos investimentos repassados para os clientes. O resultado do banco é reinvestido em geração de patentes e em pesquisas; atualmente, há uma em curso na Unicamp e outra na Universidade de São Carlos. “Temos patentes de medicamentos para psoríase e gota. Em breve, deveremos iniciar um projeto de biotecnologia na região do Rio São Francisco”. Há expectativa de lançamento em

novembro próximo de um prêmio com foco na inovação tecnológica, saúde e bem-estar para os portadores de deficiência física. De caráter nacional, essa premiação deverá estimular o surgimento de jovens talentos.

O INÍCIO

Educador, José Luiz é pós-graduado na ECA-USP e na FAU-USP nas áreas de design e comunicação. É ex-professor da ESPM e professor convidado da FEA-USP de Ribeirão Preto (Fundace). Aluno bolsista da Escola de Artes Gráficas Senai no exterior, foi em Paris que ele se identificou com o mercado de perfumaria e cosmética. De volta ao Brasil, Pietro Maria Bardi, então diretor do Museu de Arte de São Paulo (MASP), que sempre acompanhou de perto o trabalho de José Luiz o apresentou para Basílio Aparício da Silva, dono da Rastro. De lá pra cá, decorridos 27 anos, nunca mais o designer se afastou dos setores de perfumaria e cosmética, com foco nas áreas de comunicação e design.

SALÃO DO BRASIL EM PARIS

Com o objetivo de mostrar no exterior a plataforma tecnológica brasileira e seus serviços para o desenvolvimento sócio-econômico, o empresário José Luiz foi o idealizador e o criador do Salão de Paris, em 2005. “Nessa mostra, o pequeno ou micro empresário entende que no futuro poderá ter uma grande marca, desde que faça uma gestão adequada. Marca não é uma prerrogativa das grandes corporações, mas sim de quem tem

ídéias. Se a pessoa consegue ter uma grande idéia, consegue ter uma grande marca”, argumenta.

O Salão de Paris não é feito exclusivamente para franceses. Realizado a cada 2 anos, sempre no mês de setembro, a exposição já recebeu missões da África e do Oriente Médio. Em 2005 foram 30 expositores, número que dobrou em 2007 com os estados do Pará (na área de fitoterapia e pólo joalheiro de São José Liberto) e do Amazonas (pólo de biotecnologia). Para o próximo ano já estão confirmados 120 expositores de Santa Catarina, Amapá, Rondônia, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo. O Salão de Paris tem apoio de organizações nacionais e internacionais. “Esse é o maior evento de marcas, produtos e tecnologia sustentável do Brasil no exterior”, garante José Luiz. Alternadamente ao salão, ocorre o Fórum Brasil-França. Este ano, serão promovidos três fóruns de 11 a 13/09, em Manaus, por ocasião da FIAM, tema: Meio-ambiente; em 23 de outubro será a vez de São Paulo discutir Sustentabilidade, Energia e Tecnologias de Biocarburantes, no auditório Franco Montoro da Assembléia Legislativa de São Paulo; em 23 de novembro, o auditório negro do Senado, em Brasília, será palco para a análise do tema Política Industrial e Comércio Exterior.

Vale destacar que no Brasil, José Luiz foi um dos responsáveis pela criação da Etnic, a primeira feira de produtos e serviços de beleza para negros. Hoje, ele está à frente da Cosmoétnica, feira de divulgação de cosméticos para afrodescendentes.



Empreendedorismo além do próprio negócio



O empreendedor é um profissional dotado de uma visão revolucionária, capaz de causar um verdadeiro “furacão” na sua vida profissional, pois está sempre em busca de resultados. Em outras palavras, o empreendedor não descansa enquanto não alcança seu objetivo, que muitas vezes é julgado, aos olhos alheios, como impossível.

Porém, essa força que existe nos empreendedores não necessita ser canalizada para o negócio próprio. Um empreendedor não precisa abrir uma empresa para ser um empreendedor, já que as características desse profissional, e que fazem dele um inovador e visionário, são inatas e não dependem de um empreendimento para vigorarem. Pelo contrário: o intraempreendedor, como é chamado o profissional que investe sua capacidade empreendedora no mercado de trabalho, é visto como figura necessária nas empresas que têm, em sua cultura, a inovação e a visão futura.

A diferença entre esses profissionais é que, enquanto o que mantém o foco em abrir o próprio negócio arrisca seu capital, o intra-empreendedor põe em jogo sua carreira e seu emprego, que são o seu maior capital. Ambos têm, no entanto, a mesma ousadia e persistência.

O intra-empreendedor tem um objetivo em comum com o dono da empresa em que trabalha: os dois se empenham ao máximo para alcançar o sucesso nos negócios. Podemos até dizer que, mais do que uma hierarquia de trabalho – em que o dono, detentor do capital e do empreendimento, comanda e estabelece as diretrizes a serem seguidas pelos funcionários – a relação do intra-empreendedor com o presidente da empresa é uma parceria, em

que são compartilhados tanto os riscos como o foco da empresa. A história do mundo corporativo nos mostra casos clássicos, e de muito sucesso, de empreendedores que canalizaram essas habilidades para uma organização que já existe. Jack Welch, que fez carreira como CEO da General Electric e se consagrou como o ícone entre os empreendedores, causou uma verdadeira revolução enquanto executivo na empresa. Suas atitudes, nem sempre eloquentes, mudaram o valor de mercado da companhia de 14 bilhões para 410 bilhões de dólares. Isso nos mostra a incrível capacidade que um intra-empreendedor possui para modificar e melhorar a gestão dos processos já enraizados e que não necessariamente são sinônimos de resultados efetivos.

Vale lembrar que o caso acima ilustra apenas a valorização mensurável que Welch alcançou. Mesmo que o intra-empreendedor não ocupe uma posição de destaque formal dentro da corporação, ele é capaz de mudar os hábitos e os costumes de trabalho das pessoas que o cercam. Para que consiga executar plenamente o seu lado empreendedor, mesmo sendo funcionário, acredito que alguns “mandamentos” são importantes e devem ser levados em conta:

- **NÃO TENHA MEDO DA DEMISSÃO**, só assim terá liberdade suficiente para por em prática aquilo em que acredita;
- **SIGA SUA INTUIÇÃO**, principalmente a respeito das pessoas que escolher para trabalhar com você. Escolha somente as melhores, mantenha-as ao seu redor e faça o que for necessário para ser uma delas;
- **NÃO SE LIMITE** a fazer aquilo que seu chefe pede. Estude as reais necessidades da empresa e pense em maneiras de trazer soluções inteligentes e aplicáveis. Desse modo, as pessoas reconhecerão suas habilidades empreendedoras naturalmente;
- **SEJA LEAL ÀS SUAS METAS**, mas realista quanto às maneiras de atingí-las. Lembre-se, quanto maior o sonho, maior a glória em alcançá-lo; mas também, maior o tombo.

LUIZ FERNANDO GARCÉ é consultor especialista em manejo comportamental e empreendedorismo em negócios. Autor dos livros "Pessoas de Resultado" e "Gente que faz", Editora Gente.



ÍDEA NERES DE SOUZA



MAURÍCIO CRUZ SAMPAIO

Coaching: você sabe o que é isso?

“QUANDO UMA ATIVIDADE É ASSOCIADA À DOR, ELA ACABA NÃO SENDO DESENVOLVIDA POIS HÁ UM “BLOQUEIO” EM NOSSA CAPACIDADE”, DIZ A COACH IÉDA NERES DE SOUZA.

Assim como em nosso dia-a-dia, também no ambiente de trabalho adquirimos hábitos que nos condicionam a uma rotina. Nem por isso, refletimos sobre essas situações que podem nos estar fazendo bem ou mal.

Em nossa infância, são três as etapas de aprendizagem da memória: ensaio, repetição e velocidade de atos que passam a virar hábitos sempre sob a orientação dos pais, como andar, tomar banho, escovar os dentes, pegar em um garfo etc. Mas, quando passamos da adolescência para a idade adulta, a responsabilidade vem acompanhada pelo trabalho, e muitas vezes o hábito se torna sacrifício.

A coach (consultora em desenvolvimento pessoal e profissional) e também autora do livro “O Profissional do século: um novo perfil e desafios impostos pelo mercado de trabalho atual”, Iêda Neres de Souza, explica que “quando uma atividade é associada à dor, ela acaba não sendo desenvolvida, pois há um “ bloqueio” em nossa capacidade. Quando bloqueada, a pessoa não consegue aprender mais nada”.

É aí que entra o trabalho do coach, palavra de origem inglesa que significa “técnico”, capaz de motivar o coachee (cliente) e transmitir técnicas que melhorem as capacidades profissionais do cliente, visando a satisfação dos objetivos definidos por ambos. O executive coaching (de carreira) é o mais utilizado por quem está com algum problema no trabalho e ele pode ser feito por intermédio da empresa em que o profissional trabalha ou de uma busca pessoal.

Para Mauricio Cruz Sampaio, diretor do departamento de Alianças e Parcerias da Sociedade Brasileira de Coaching, os motivos principais que levam uma pessoa a procurar um coach são: baixa qualidade na comunicação, falha no relacionamento com clientes, baixo resultado em vendas, estresse, desequilíbrio

emocional, mudanças organizacionais, administração do tempo, planejamento em longo prazo e transição de carreira ou colocação profissional.

Com o objetivo de mudar de carreira, Patrícia Gomes de Castro procurou os serviços da Sociedade Brasileira de Coaching. Formada em comércio exterior com pós-graduação em logística, Patrícia trabalhava na área de Costume Service (atendimento ao cliente) de uma empresa, onde fazia desde vendas até o serviço pós-vendas (reclamações e trocas).

Depois de oito sessões de coaching, ela está em outra empresa, a Rockwell Automation, indústria eletrônica, onde trabalha com compras de importação e exportação. Completamente satisfeita, Patrícia está mais direcionada a fazer o que realmente gosta. Através das sessões fez descobertas sobre ela mesma. “Estava infeliz no meu antigo emprego, pois além de fazer diversas tarefas alheias à minha função, não sabia dizer não às pessoas. Me sentia sobre carregada e desgastada”, lembra.

Essa autodescoberta acontece naturalmente durante as sessões de coaching, que variam de sete a dez. Quando perguntado sobre a relação existente entre a psicologia e o coaching, Sampaio, da Sociedade Brasileira de Coaching responde: “as pessoas tendem a fazer uma pequena confusão entre esses dois segmentos, mas o coaching além de ser voltado só para o lado profissional, estuda as mudanças do presente para o futuro, já a psicologia não, estuda o passado para entender melhor o presente”.

Uma sessão pessoal de coaching custa de R\$120 a R\$350 reais e é indicada a todas as pessoas que se encontram com dúvidas, desgastes e querem mudar de carreira.



MBA Unipalmares.

Prepare-se para enfrentar os desafios do futuro.

Com um corpo docente formado por doutores, especialistas, mestres e profissionais de excelência em áreas acadêmicas, o MBA – Master of Business Administration – é mais um importante diferencial que a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares traz para incrementar a sua carreira e prepará-lo para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Saiba mais sobre o MBA Unipalmares. E conquiste o futuro que você merece.

PÓS-GRADUAÇÃO – MBA EM GESTÃO ESTRATÉGICA DE NEGÓCIOS

PÓS-GRADUAÇÃO – MBA EM GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

PÓS-GRADUAÇÃO – MBA EM GESTÃO FINANCEIRA

MAIS INFORMAÇÕES, CONSULTE:

**WWW.UNIPALMARES.EDU.BR OU
PELO TELEFONE (0XX11) 3392-6005.**



JOSÉ ALENCAR, VICE-PRESIDENTE

Aprender no sentido amplo da palavra

“PRECISAMOS DESSAS DUAS MATÉRIAS – FILOSOFIA E SOCIOLOGIA - PARA FACILITAR O EXERCÍCIO E O DIREITO À CIDADANIA”,
JOSÉ ALENCAR, VICE-PRESIDENTE

Em junho último, o presidente da República em exercício, José Alencar, sancionou o projeto de lei que torna obrigatório o ensino das duas matérias, Filosofia e Sociologia nos três anos do ensino médio, em escolas públicas e privadas. O projeto foi aprovado primeiro na Câmara, onde começou a tramitar em 2003 e, no dia 08 de maio deste ano, no Senado.

Ambas as disciplinas haviam sido retiradas do currículo obrigatório durante o regime militar, em 1971, e substituídas por Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Em 2001, o Congresso Nacional aprovou a inclusão dessas disciplinas, mas foi vetado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. O argumento era de que criava ônus para os Estados.

Se Filosofia e Sociologia não tivessem sido abolidas do currículo médio, a discussão sobre a educação no Brasil de hoje, com certeza, teria outra análise. “As disciplinas são duas importantes ciências porque contribuem para que o jovem aprenda a pensar e, mais do que isto, treine sua capacidade de ler um texto teórico e abstrair os conceitos deste texto e passar a trabalhá-los em um contexto amplo e atemporal. Isto é, ler Durkheim, por exemplo, e ser capaz de analisá-lo a partir de qualquer época, inclusive a nossa. Isto resolveria a grande pergunta: qual a razão de estudar Aristóteles (ou qualquer outro teórico clássico) em um curso de Administração?”, argumenta a socióloga e cientista política, Cristina Jorge, mestre em Ciências Sociais e Religião, diretora de Desenvolvimento Institucional do Instituto Afrobrasileiro de Ensino Superior. ”Todo o educando deveria ser apresentado a essas disciplinas e quanto mais cedo melhor”, completa.

A ausência dessas matérias prejudicou o desenvolvimento do aluno no que diz respeito a raciocínio sobre a sociedade ou até mesmo no desenvolvimento do raciocínio lógico. Passou-se a ensinar e a cobrar do aluno apenas técnicas, fatos, datas e regras. Construir o conhecimento caiu no desuso, e hoje as boas universidades e até o mercado de trabalho cobram justamente esta capacidade de analisar, questionar, criticar e construir.

SEM PRAZO

Para tornar obrigatório o ensino de Filosofia e Sociologia no currículo do ensino médio, o Congresso Nacional alterou o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

“Essa lei que torna obrigatórias as disciplinas recupera o direito fundamental de aprender no sentido amplo da palavra, no sentido de se apropriar, ao mesmo tempo em que se coloca crítica frente ao que se aprendeu”, afirma Fernando Haddad, ministro da Educação.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) tem resolução que torna obrigatória a Filosofia e a Sociologia nas escolas de ensino médio há 2 anos. O parecer não determinava a implantação nas três séries do ensino médio, como prevê a nova lei.

O Ministério da Educação informa que não existe prazo para as secretarias estaduais, responsáveis pela grade curricular do ensino médio, se adequarem nem estimativa de impacto financeiro ou de contratação de professores. Entretanto, para que a inclusão dessas disciplinas no nível médio de escolaridade seja proveitosa é imprescindível que os docentes passem por uma qualificação séria e consistente, antes aprendendo o real valor destas ciências.



MILU VILLELA

A educação nas eleições municipais

Com os resultados mais recentes do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) em mãos, podemos afirmar que, enfim, o Brasil está dando a atenção devida à melhoria da qualidade da Educação que oferece a suas crianças e jovens. Alcançamos as projeções do Ministério da Educação para 2009 e, nesse ritmo, chegaremos ao patamar dos países desenvolvidos antes mesmo de 2022, prazo previsto pelo movimento Todos Pela Educação, para que o País alcance suas 5 Metas. É fundamental, no entanto, manter, ou mesmo intensificar os esforços. Nesse sentido, as eleições municipais de outubro deste ano podem ser decisivas.

Para chegarmos ao ponto de comemorar os resultados do Ideb de 2007, conscientes dos grandes desafios que temos pela frente, contribuíram vários fatores. Não partimos do zero: o crescente acesso à escola pública, a partir da década de 1990, apesar de ainda não ser universal para todos os níveis de ensino, foi um passo essencial para uma Educação de qualidade para todos. E, nesse caminho rumo à conquista mais difícil, que é a da universalização da qualidade, têm sido cruciais a mobilização da sociedade civil, medidas acertadas do governo federal, o esforço de gestores estaduais e municipais de Educação e o compromisso de parcela significativa dos professores e educadores brasileiros.

De todas as etapas da Educação Básica, a que apresentou maior crescimento do Ideb foi a das séries iniciais do Ensino Fundamental (1^a a 4^a série): a média total do Brasil passou de 3,8 em 2005 para 4,2 em 2007. Essa etapa educacional é responsabilidade primordial dos municípios e foram exatamente as redes municipais que mais contribuíram para a melhoria: o Ideb delas nos primeiros anos do Ensino Fundamental passou de 3,4 em 2005 para 4,0 em 2007, superando a meta de 2009.

Avançamos mais, portanto, no que diz respeito ao aprendizado inicial de nossas crianças. E isso não é pouco. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental o estudante constrói a base para

uma trajetória escolar de aprendizado e bom desempenho. Uma escola pública que ofereça alfabetização efetiva e sólidos primeiros anos permitirá que mais crianças vindas dos grupos sociais de menor nível de renda concluam a Educação Básica, incluído aí o Ensino Médio, e cheguem ao Ensino Superior. Somente por meio da Educação faremos do Brasil um país mais desenvolvido e justo, superando as desigualdades que, infelizmente, ainda marcam nossa vida cotidiana, sejam elas sociais, raciais ou de gênero. Somente por meio da Educação, todos no Brasil terão a oportunidade de desenvolver plenamente seu potencial, sejam eles pobres ou ricos, brancos ou negros, homens ou mulheres.

Como já observamos, os anos iniciais do Ensino Fundamental são responsabilidade primordial dos municípios, cujos gestores serão escolhidos nas eleições de outubro próximo. É essencial que os eleitores cobrem dos candidatos propostas claras, objetivas e viáveis para a Educação, acompanhem de perto os debates sobre o destino do ensino público em sua cidade, e, por fim, votem naqueles que acreditam ser os mais comprometidos com o ideal da melhoria efetiva, pautada em resultados concretos, da escola pública brasileira.

Precisamos avançar mais, e rapidamente, na direção da Educação de qualidade a que todas as crianças e jovens têm direito. Para isso, teremos de contar com prefeitos que compreendam a importância da Educação, nomeiem gestores bem preparados tecnicamente, e saibam que, por meio do investimento educacional, é possível atacar muitos dos demais problemas que afligem as cidades e a sociedade brasileira.

MILÚ VILLELA é coordenadora da Comissão de Articulação e uma das fundadoras do movimento Todos Pela Educação (www.todospelaelucacao.org.br)



RICARDO HENRIQUES

“ MUITO EMBORA TENHA HAVIDO AVANÇOS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS SE MANTÊM ELEVADAS. SE 12% DE JOVENS DE 18 A 24 ANOS ESTÃO NA UNIVERSIDADE, SOMENTE 3% DOS JOVENS NEGROS CHEGARAM A ESSA FASE DO ENSINO. O PROUNI INDICA IMPORTANTES MUDANÇAS, MAS AINDA É NECESSÁRIA UMA AGENDA FORTE, QUE COMBINE RECORTES DE CUNHO UNIVERSAL E FOCALIZADO, E GARANTA O ACESSO À EDUCAÇÃO COM ACELERAÇÃO DA VELOCIDADE HISTÓRICA DE REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES ”

Desperdício de talentos

SEMPRE ATENTO ÀS QUESTÕES QUE DIZEM RESPEITO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS E DIVERSIDADE SOCIAL, RICARDO HENRIQUES, QUE DURANTE QUATRO ANOS FOI SECRETÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE, E ATUALMENTE É ASSESSOR ESPECIAL DE LUCIANO COUTINHO, PRESIDENTE DO BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES), ARGUMENTA QUE, APESAR DE O PAÍS REGISTRAR CRESCIMENTO ECONÔMICO NOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS, INCLUINDO REDUÇÃO DA DESIGUALDADE, AS DIFERENÇAS RACIAIS NO SISTEMA DE ENSINO BÁSICO CONTINUAM SENDO MUITO SIGNIFICATIVAS.

Sempre atento às questões que dizem respeito às políticas públicas e diversidade social, Ricardo Henriques, que durante quatro anos foi secretário Nacional de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, e atualmente é assessor especial de Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), argumenta que apesar de o País registrar um crescimento econômico nos últimos quatro anos, incluindo redução da desigualdade, as diferenças raciais no sistema de ensino básico continuam sendo muito significativas. “Isso se desdobra em macro dilemas, pois de cada 100 jovens, 60 terminam o ensino fundamental e 40 concluem o ensino médio, sendo que esses números são bem mais acentuados em se tratando de negros”.

Se analisarmos pessoas igualmente pobres em ambientes semelhantes, de escolas públicas, as defasagens série/idade entre

meninas e meninos negros também são muito maiores. “Muito embora tenha havido avanços nas últimas décadas, as desigualdades educacionais se mantêm elevadas. Se 12% de jovens de 18 a 24 anos estão na universidade, somente 3% dos jovens negros chegaram a essa fase do ensino. O Prouni indica importantes mudanças, mas ainda é necessária uma agenda forte, que combine recortes de cunho universal e focalizado, e garanta o acesso à educação com aceleração da velocidade histórica de redução das desigualdades”, assevera.

É inaceitável o padrão de desigualdade provocado pelo nosso processo histórico. Para que melhor se entenda: um jovem negro, do sexo masculino, que mora no Nordeste, só terá a escolaridade média dos jovens da sua idade depois de 22 anos, sendo evidente que a média dos outros jovens será muitíssimo maior.



PONTO DE PARTIDA

A educação de modo integrado tem que atuar nas esferas do ensino infantil, fundamental, médio e superior. Além disso, é imprescindível que se produzam conteúdos e se assegure a formação de professores que recusem o padrão de desigualdade dentro e fora de escola.

Segundo Ricardo Henriques, a dimensão que mais define um padrão de desempenho escolar dos meninos e meninas é a escolaridade da mãe, seguida da escolaridade do ambiente e da qualificação dos professores. Torna-se evidente a necessidade de políticas públicas que aumentem a escolaridade média das famílias, desde alfabetização de adultos até re-inserção de jovens que saíram da escola. “Os mestres devem ser dotados de conteúdos e de metodologias que explicitem o conhecimento sobre as desigualdades e os instrumentos para lidar com a questão”, acentua. Não adianta incluir a temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana, conforme a Lei nº. 10.639, sem que o professor tenha formação em direitos humanos, conheça técnicas de mediação de conflito, saiba atuar em ambientes essencialmente diversos, reconheça o valor da diversidade, de modo a não produzir a discriminação. “Para tanto, precisamos mudar métodos para entender que manifestações da juventude como o hip hop e o grafite têm valor como sistema de aprendizagem na sala de aula e isso significa valorizar a diferença. Pode-se alfabetizar com um clássico europeu, com uma Clarice Lispector ou uma letra de rap”, entende. “O Ministério da Educação tem progredido no que se refere à política de formação de professores, com destaque para os direitos humanos, a questão ambiental, a diversidade e a gestão escolar”, diz.

EFEITO PERVERSO

O falso sinônimo estabelecido entre desigualdade e diferença tem um efeito perverso, porque em nome de buscar igualdade e mais inclusão, desconsideramos a força da diferença. Não basta dar igualdade e oportunidade de acesso aos estudos, faz-se

“ O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO TEM PROGREDO NO QUE SE REFERE À POLÍTICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM DESTAQUE PARA OS DIREITOS HUMANOS, A QUESTÃO AMBIENTAL, A DIVERSIDADE E A GESTÃO ESCOLAR ”



necessário conduzir os jovens a uma trajetória profissional exitosa, independente da sua condição social e etnia.

“As políticas públicas podem mudar esse cenário de exclusão e a sociedade tem que entender que está desperdiçando talentos ao perpetuar desigualdades. Mais do que conhecimento formal, também é vital tanto para as empresas, como para o setor público: o empreendedorismo, o trabalho em equipe, a liderança, a experiência em saber lidar com situações de incertezas... Esses atributos se traduzem em retorno econômico, dinamismo e potência”, assegura Ricardo Henriques.

Trazer mulheres e negros para cargos de direção nas empresas brasileiras é uma mudança de paradigmas frente a uma história que não enxerga a potência de sua gente e joga fora talentos, privando um contingente enorme de pessoas só porque a trajetória de vida de suas famílias não tem uma performance econômica desejável ou porque seus pais têm baixa escolaridade.



Quem tem medo do dragão?

Os economistas, em especial, e os jornalistas, em particular, são conhecidos como "estraga prazer". Em uma roda de bate-papo, quase que invariavelmente, quem faz as vezes de "advogado do diabo" é um militante dessas profissões. Eu, como jornalista que sou, não fujo à regra. Dia desses, diante de um grupo de amigos que falava sobre as delícias do Brasil atual, lembrei que os índices que medem a variação de preços e serviços, como o IGP-M, estão subindo de forma contínua e consistente. "Mas a inflação é mundial", retrucou um dos meus interlocutores. "Sim", devolvi. "Mas o que me importa no fim das contas é quanto você, eu e os demais brasileiros estamos pagando pelo feijão, o arroz ou o pãozinho comprado na padaria", retruquei. Para quem tem menos de 25 anos esse papo de inflação soa um tanto quanto antigo, algo que sempre esteve confinado aos livros de história. Afinal, nos últimos 14 anos temos convivido com uma moeda tão estável que chega a dar pena do dólar americano.

Mas, se considerarmos o que tem acontecido com nossos vizinhos

sul-americanos, é melhor colocar a barba e o bigode de molho. O processo começou a se acentuar em 2007, quando a taxa no Chile cravou em 5,7%, a maior em 12 anos. No mesmo período, a Venezuela registrou índice de 22,5%, enquanto a Bolívia viu o custo de vida subir 11,7%. A Argentina é um caso à parte. Apesar de o governo jurar de pés juntos que a cifra foi de "apenas" 8,5%, basta dar uma olhada nos rostos indignados da população para perceber que o índice foi bem mais fornido. Muitos falam em algo como 25%. Pode ser. Mas o certo é que a espiral inflacionária volta como um fenômeno global e para o qual o remédio clássico, aumento da taxa de juros, já não se mostra mais tão efetivo. "A culpa é dos chineses e dos indianos", bradou um dos participantes do bate-papo no qual me envolvi recentemente. Pode ser.

Contudo, mais que apontar culpados, devemos entender a natureza do fenômeno e tentar descobrir mecanismos para nos defender. A crise, e nisso os economistas formam um raríssimo coro, está ligada ao forte crescimento da demanda por produtos alimentares e à baixa produtividade. Ou seja: a oferta ficou infinitamente menor que a procura. A escalada do petróleo, que é ainda o insumo que faz o mundo girar, também tem uma pontinha de culpa. Afinal, a cotação do "ouro negro" subiu nada menos que 50%, para US\$ 150, em apenas seis meses. E, para piorar, nada indica que os preços dessa commodity voltem a entrar em trajetória de queda.

Apesar da robustez do real, da solidez e maturidade da economia brasileira e do colchão de liquidez, formado por reservas internacionais no patamar recorde de US\$ 200 bilhões, a crise, se e quando vier, não deverá poupar ninguém. Especialmente as chamadas nações emergentes como o Brasil. Afinal, boa parte do dinheiro que irriga nossa economia vem de investidores estrangeiros que tendem a fugir em massa, ao sinal do menor perigo.

Os anos de hiperinflação e planos mirabolantes deixaram os brasileiros calejados. Já fomos colocados à prova em janeiro de 1999 quando a brutal desvalorização cambial ameaçou jogar os preços na estratosfera. As donas de casa e os brasileiros em geral souberam dar uma resposta à altura, recusando aceitar preços elevados. Isso pôde ser feito com a mudança de hábitos de consumo e idas mais freqüentes aos supermercados, apostando apenas em ofertas. Agora, a inflação não é somente um fenômeno brasileiro. É global e dificilmente teríamos a complacência de um aliado como o então presidente americano Bill Clinton, que mandou o Fundo Monetário Internacional (FMI) liberar um cheque especial de US\$ 50 bilhões ao Brasil. Assim como na roda de bate-papo, encerro dizendo que, apesar do espírito crítico típico dos jornalistas, estou confiante. Afinal, já aprendemos a nos defender.

ROSENILDO GOMES FERREIRA é repórter da Revista IstoÉ Dinheiro

BNDES apóia novo ciclo da economia do País

POR: ZULMIRA FELÍCIO, EDITORA

O CRÉDITO PARA O MICRO E PEQUENO EMPRESÁRIO E AS AÇÕES QUE O BRASIL VEM REALIZANDO NA ÁFRICA, OS INVESTIMENTOS E OS PROGRAMAS DE EXPORTAÇÃO, ESPECIALMENTE PARA PAÍSES MENOS DESENVOLVIDOS SÃO ALGUNS DOS ASSUNTOS ABORDADOS PELO MINISTRO DE DESENVOLVIMENTO, MIGUEL JORGE, COM EXCLUSIVIDADE PARA A AFIRMATIVA PLURAL

A própria arquitetura do prédio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), na avenida Presidente Juscelino Kubitschek, em São Paulo, impressiona como também os números movimentados pelo banco, pois não é comum países contarem com uma instituição de fomento com tal pujança. Principalmente, se comparado a outras instituições congêneres, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Mundial. Em 2006, os desembolsos anuais do BNDES somaram o equivalente a US\$ 30 bilhões, valor equivalente ao BID e o Banco Mundial juntos, no mesmo período. No ano passado, os desembolsos do BNDES atingiram R\$ 65 bilhões (U\$ 3,5 bilhões) em financiamentos a investimentos, tendência de alta que reforça a expectativa de crescimento da economia brasileira para os próximos anos.

Apesar disso, o que muito empresário desconhece é o crédito que o BNDES confere para o micro empresário, cuja receita operacional bruta anual é de até R\$ 1.200 mil. “Crédito sem burocracia”, atenta o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, alertando para a falta de divulgação desta informação ao empresariado. O BNDES financia projetos de investimentos e tem programas de exportação, especialmente para países menos desenvolvidos.

“Tudo isso faz parte de um conceito do presidente Lula - temos que nos aproximar tanto dos países da América do Sul quanto da África”, diz Miguel Jorge, ministro escolhido pelo presidente da República para estreitar os laços comerciais. “Há muito que fazer. É importante, participar mais ativamente da vida política do País”, acrescenta com satisfação.

LINHA DE CRÉDITO

Neste sentido, o banco vem expandido a área de atuação em financiamento para a exportação de bens e serviços oferecidos por empresas brasileiras na África. Em Angola, por exemplo, já há uma linha de crédito no valor de US\$ 750 milhões operacionalizada pelo banco.

Só para se ter uma idéia, a Odebrecht vem realizando grandes obras e, inclusive, por solicitação do governo local, a empresa cuida de toda a gestão da extração e comercialização de diamantes. Além disso, trabalha na implantação de uma rede de supermercados (60 no total), desde a gestão até o treinamento de pessoal, rede que depois de estabilizada deverá ser entregue para a administração governamental. Diante de um mercado tão carente, até mesmo empresas brasileiras de pequeno porte têm condições de arregaçar as



MINISTRO MIGUEL JORGE



KIMBERLEY, UMA DAS MAIORES MINAS DE EXTRAÇÃO DE DIAMANTES

mangas e oferecer seus produtos. Afinal, “o maior banco de investimento e fomento do mundo tem uma preocupação específica também com os financiamentos dos exportadores para a África”, endossa o ministro que, durante um ano, viajou três vezes com o presidente Lula para aquele continente. Miguel Jorge ressalta que o Plano de Desenvolvimento Produtivo, lançado recentemente pelo governo brasileiro estabelece a meta de aumentar em 10% o número de micro, pequenas e médias empresas exportadoras, até 2010, o que significa mais três mil empresas exportando. O mercado afro-étnico que movimenta cerca de US\$ 2 milhões/ano, por exemplo, pode ser melhor trabalhado pelos empresários brasileiros nos países africanos.

MUDANÇA NO CENÁRIO

Durante a entrevista concedida à Afirmativa Plural, o ministro Miguel Jorge falou da falta de conscientização das pessoas no que se refere à inclusão de minorias e a desigualdade entre as classes sociais que impera na sociedade brasileira. “Temos muitas leis e iniciativas para a inclusão de minorias, entretanto, esse problema persiste pela falta de conscientização de todos e, em especial, do empresário executivo branco”, acredita. Tal constatação não se trata de tese, mas da realidade de quem inclui a vivência nas vice-presidências nas áreas de assuntos corporativos da Volkswagen e do Santander, somados aos 24 anos como jornalista atuante em importantes órgãos de imprensa. “Em grandes



Foto: www.africandidade.com

PORTO DE CABO VERDE, PORTA DE ENTRADA DOS PRODUTOS NO CONTINENTE

empresas, observa-se que a capacidade de mudar é muito maior quando simplesmente escrevemos. As pessoas lêem a informação, mas não agem”, destaca Miguel Jorge referindo-se aos programas de ações afirmativas implantados com resultados positivos em companhias onde trabalhou. O ministro enfatiza, ainda, que na área econômica, os bancos são os que mais apóiam a inclusão.

No que diz respeito à diversidade, Miguel Jorge acredita que a Unipalmares é uma prova de que as coisas estão mudando, e para melhor. “Entretanto, ainda é pouco. Precisamos ter

esse modelo espalhado pelo País. Por que não temos uma instituição do gênero na Bahia?”, indaga.

Sobre o trabalho desenvolvido pela Unipalmares de inclusão do negro no mercado de trabalho, além de estimular o empreendedorismo, Miguel Jorge sugere que a instituição também seja um ponto de encontro do micro e pequeno empresário. “A universidade deverá trabalhar para a realização de um grande evento com a participação do empresariado, de modo descobrir novas possibilidades de atuação e, inclusive, de exportar”, sentenciou. Fica aí a sugestão do ministro.

Empresários para o futuro

VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR UMA FÁBRICA DE CABIDES DE ALUMÍNIO DE ROUPAS, COM TODA A INFRA-ESTRUTURA NECESSÁRIA, OPERANDO DENTRO DA MONTADORA GENERAL MOTORS? NÃO? POIS ELA EXISTE – ENCONTRA-SE INSTALADA EM TODAS AS UNIDADES GM NO PAÍS – E É ADMINISTRADA POR JOVENS ESTUDANTES.

Com excelentes resultados, a fábrica de cabides de alumínio de roupas é apenas uma das ações sociais administradas pelo Instituto General Motors. Realizada inicialmente na unidade industrial da GM de São Caetano do Sul, o projeto foi estendido para São José dos Campos (SP), Mogi das Cruzes (SP) e Gravataí (RS), beneficiando mais de 4.000 jovens.

Na prática, uma mini-empresa é instalada nas dependências da unidade fabril com suas áreas específicas de produção, finanças, vendas, marketing, recursos humanos e até presidência, sendo os postos ocupados mediante seleção realizada pelo próprio grupo de alunos. Após a produção dos cabides, pré-estabelecida pela equipe, os jovens têm a meta de vendê-los e assim tornar a empresa rentável. Até agora, o IGM registrou a venda de 2 milhões de cabides, sendo o lucro comercializado e doado a entidades benfeitoras. Instalações, maquinários e móveis são disponibilizados pela GM, que também fornece suporte técnico, transporte e a alimentação dos estudantes.



PROJETO RUTY CASSIANO BENEFICIA COSTUREIRAS DE ÍNDIAIATUBA

"Objetivamos gerar o espírito empreendedor no jovem do ensino médio do 2º grau, de escolas municipais e estaduais, participantes do projeto", destaca Edson Vaz, presidente do Instituto General Motors. A metodologia do programa foi implementada pelo IGM em conjunto com a Junior Achievement, organização não governamental norte-americana sem fins lucrativos fundada em 1919 que possui escritórios em todo o mundo, inclusive no Brasil. O investimento anual do projeto é de R\$ 50.400,00.

OPORTUNIDADE

O IGM foi criado há 17 anos com a missão de resgatar a cidadania de crianças, jovens e adultos das comunidades carentes, por meio da educação, proporcionando as condições necessárias para o seu crescimento pessoal e profissional, viabilizando recursos para o desenvolvimento de ações, através de oportunidade e solidariedade.

O IGM promove várias iniciativas, entre elas o Projeto Foco que



6.800 TRABALHADORES FORMADOS NO PROJETO FOCO



PROJETO SOPA SOLIDÁRIA

desde 2000 já formou 6.800 trabalhadores na unidade da GM de São Caetano do Sul. Em parceria com o Sindicato dos Metalúrgicos local são oferecidos cursos aos trabalhadores sindicalizados, seus dependentes e desempregados carentes da comunidade, como: Mecânica Veicular, Eletroeletrônica Veicular, Informática Básica, Telemarketing, Auto Cad, Torno CNC, Centro de Usinagem, Inglês e Espanhol, todos gratuitos com metodologia e educadores do Senai. A unidade de Gravataí registra mais de 800 formandos.

DA INFORMÁTICA À ALIMENTAÇÃO

Em parceria com a APAE/SCS cerca de 300 portadores de necessidades especiais têm acesso ao projeto Informática Educacional. Com idades variando de 5 até 60 anos, esses alunos Portadores de Síndrome de Dow, paralisia cerebral e Síndrome do X Frágil, independente de suas limitações, aprendem a digitar, usar software e vídeos, durante um ano, tempo de duração do curso.

Também as crianças (7 a 14 anos) de escolas públicas residentes na comunidade de Heliópolis, divisa de São Paulo e São Caetano do Sul, recebem complementação educacional, as principais refeições e recreação por meio de oficinas de artes, meio-ambiente, leitura e informática. As atividades são realizadas em dois períodos, conforme o horário escolar do aluno.

Além disso, outras 320 crianças são beneficiadas em entidades assistidas pelo IGM com o fornecimento da Sopa Solidária, uma complementação alimentar às crianças carentes, por meio do

aproveitamento das sobras limpas dos restaurantes da GM. Preparadas por nutricionistas, as sopas são acondicionadas em contêineres e entregues às instituições. Em parceria com outras 130 empresas envolvidas na tarefa de combater o desperdício e minimizar os efeitos da fome, a GM e a ONG Banco de Alimentos promovem coleta e distribuição de mais de 500 ton/almimentos/ano, beneficiando um número superior a 20 mil pessoas, entre crianças, idosos, portadores de doenças e moradores de rua. Esse trabalho já dura 7 anos.

PRÊMIO TOP SOCIAL

O programa piloto Ruty Cassiano, dirigido às costureiras de Indaiatuba, interior paulista, vem apresentando bons resultados. Tanto que o IGM recebeu o prêmio ADVB – Top Social, no final de junho, outorgado pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB). Com esse programa, trinta mulheres se tornaram aptas a trabalhar na área de costura industrial, com foco na produção de brindes artesanais e uniformes profissionais e escolares. São ações como estas, além do aumento considerável do número de colaboradores que integram o quadro de voluntários registrados em 2007, que contribuem para o IGM atingir seus objetivos. “A responsabilidade de ajudar o próximo é de cada um de nós. Só assim vamos crescer com qualidade de vida e fazer deste Brasil um país melhor para todos os seus cidadãos”, ressaltou Edson Vaz, presidente do Instituto General Motors.

Diversos somos todos

O AUTOR REINALDO BULGARELLI REÚNE NESSA OBRA O RESULTADO DAS EXPERIÊNCIAS ACUMULADAS AO LONGO DE 30 ANOS DE TRABALHO NA ÁREA DE DIREITOS HUMANOS

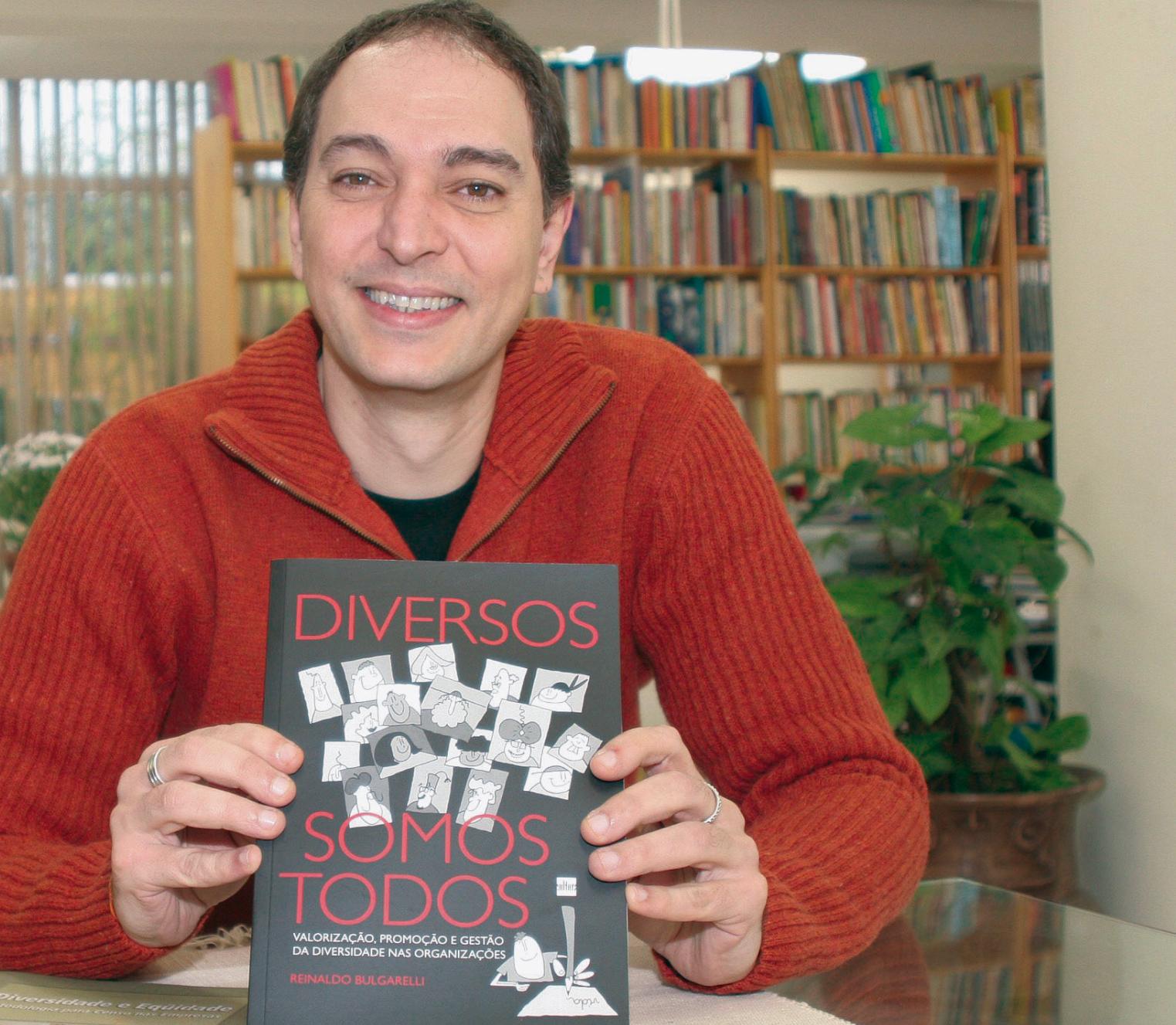
Muitos de nós já ouvimos frases do tipo: "Apesar de ser mulher, ela é ótima gestora"; "Apesar de ser gay, ele é muito sério"; "Independentemente de ser negro, ele é um funcionário eficiente e deve ser promovido." Tais frases, presentes no dia-a-dia das pessoas passam muitas vezes despercebidas sem que sejam analisadas sob o ponto de vista discriminatório, acentuado e perverso.

Sócio da consultoria Txai Cidadania e Desenvolvimento Social ("txai", na língua dos índios Kaxinawa, significa "companheiro", ou "o outro sem o qual não somos completos"), Reinaldo Bulgarelli assessorou organizações, no que se refere a responsabilidade corporativa, e é professor no curso Princípios e Práticas de Responsabilidade Social Empresarial, da Fundação Getúlio Vargas (FGV/SP). Em sua obra, mostra que a diversidade implica em reconhecer qualidade em quem é diferente e a diferença como uma qualidade.

"Essa visão inovadora sobre o assunto ainda engatinha nas corporações", diz ao mesmo tempo em que explica: a diversidade enlaça outros dois assuntos que andam mexendo com a vida dos gestores - sustentabilidade e responsabilidade social. Muito embora o tema represente os primeiros passos na vida das empresas, há muito faz parte das ações do consultor. Bulgarelli foi um dos criadores do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, com a missão de promover os direitos



das crianças e adolescentes das camadas populares, na década de 80. Esse movimento teve grande influência na construção da Constituição de 1988 e na elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990. Também trabalhou por seis anos como oficial de Projetos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), na região Norte do Brasil. Com relação ao movimento negro, sua ligação com a Igreja do Rosário da Irmandade dos Homens Pretos, em São Paulo, surge nos final dos anos 70. Na foto na revista Manchete, de maio de 1979, ilustração do movimento por melhores salários, Bulgarelli aparece embaixo da faixa, na época em que tinha cabelos, ou melhor, muito mais cabelos. "Foi com eles que aprendi primeiro o que era ser branco, as vantagens e privilégios da cor, mas também os limites e o sofrimento do outro", recorda.



ABRIR A JANELA

No final da década de 90, como diretor da Fundação BankBoston e responsável pelas ações de responsabilidade social, ao acompanhar uma visita dos executivos do BankBoston à sede da instituição brasileira, deparou-se com o questionamento inevitável: "Afinal, onde estão os negros nesta organização?", perguntaram eles. "Naquela época não se falava em ação afirmativa e ficou bem claro que o problema era da educação". O então presidente do BankBoston, Geraldo Carbone, aceitou o desafio e Bulgarelli foi responsável pela concepção do programa Geração 21, em parceria com o Ministério da Cultura, a Fundação Cultural Palmares e o Geledés. O Geração 21 consiste numa proposta político-pedagógica que reuniu 21 jovens negros (os melhores alunos de escolas públicas) com o objetivo de produzir condições de aprendizagem e

desenvolvimento de seus talentos, possibilitando igualdade econômica, social e cultural.

A partir daí, o consultor começou a montar um grupo de diversidade dentro da empresa. O projeto abrangia negros, mulheres e pessoas com deficiência. Muito mais que social, o projeto era estratégico para a condução dos negócios do BankBoston, como atrair os melhores talentos e imprimir uma cultura de respeito. "Se por um lado, os números não refletiram os resultados, de outro foi um grande aprendizado. Pois, a nossa responsabilidade é melhorar a qualidade das relações e torná-las mais sustentáveis", afirma. Essa é apenas uma das experiências narradas no livro.

CENSO DO ETHOS

Não há no País uma empresa com eqüidade de gênero e raça



ESTAGIÁRIOS DA UNIPALMARES EM BANCOS

de acordo com a realidade brasileira. O "Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas - 2007", realizado pelo Instituto Ethos, mostrou que a situação constatada ainda é de grande desigualdade, mas com relativo progresso. A questão de gênero, por exemplo, aponta o crescimento de mulheres em cargos executivos e de gerência, confirmando a tendência já manifestada em 2003 e 2005. No entanto, este aumento ocorreu mais na passagem da supervisão para a gerência. "Mesmo com todos os avanços assistidos desde 1970 com a entrada maciça da mulher branca no mercado de trabalho, decorridos quase 40 anos, o mundo empresarial ainda não reconhece a sua real importância", ressalta.

No evento promovido pelo Instituto Ethos, no final do primeiro semestre, para o lançamento do questionário Diversidade e Eqüidade – Metodologia para Censo nas Empresas, (metodologia elaborada pela Txai Cidadania e Desenvolvimento Social) – ficou evidente a valorização da diversidade e seu impacto nos aspectos de gestão das empresas. "Disponível no site do Ethos, o Censo é para ser aplicado pelas empresas. Nele há dicas e sugestões de como aplicá-lo, resolvendo o problema das empresas frente aos quesitos de diversidade e a sua não inserção na gestão de pessoas", reitera.

COTA, UM MEIO

Favorável à legislação de cotas que, no seu modo de pensar, trabalha a conscientização das pessoas, Bulgarelli reconhece a cota como uma forma de enfrentar o racismo.

No caso de pessoas com deficiência a legislação prevê sua inclusão em diversas esferas, não somente no trabalho. Existem

leis de cotas para aprendizes, obrigando a contratação de jovens entre 14 e 24 anos de idade por parte das empresas. Apesar disso, não há cotas para negros no mercado de trabalho. "Também não é somente por meio de um decreto que essas mudanças irão ocorrer. Mas, não podemos esperar um processo mais longo, estamos muito atrasados nesse sentido, e isso vai afetar o nosso Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a nossa presença no cenário mundial", enfatiza.

TAPAR O SOL COM A PENEIRA

A diferença do número de anos de estudos entre negros e brancos não justifica a disparidade observada no mercado de trabalho, no que diz respeito a cargos e salários, sobre tudo das grandes empresas.

O sofrimento que se impõe às pessoas discriminadas, a perda de talentos e o prejuízo da falta de desenvolvimento da sociedade têm que ser reconhecidos. O Brasil ainda não se reconhece como um país machista e racista. É como se esses problemas não estivessem presentes na sociedade.

"A assimetria encontrada entre número de anos de estudo de brancos e negros não justifica os dados do mercado de trabalho, com uma disparidade muito acima. O nome disso é racismo e não problema social. Nos formadores de opinião, se abstrairmos da conversa o racismo e falarmos somente de educação, vamos piorar a situação", sinaliza Bulgarelli. Não há política pública que resolva o problema das desigualdades sociais, se o machismo, o racismo e a homofobia não forem combatidos. "Não adianta o negro ter uma boa formação, pois, no imaginário da grande maioria, ele não pode ocupar cargos mais importantes. As empresas têm um papel fundamental nessa questão", sustenta.

- A afirmativa é um espaço onde o negro e sua relação com a sociedade e com outras raças são os protagonistas.
- A afirmativa é um fórum onde personalidades de todos os matizes políticos, raciais, sociais e religiosos discutem a integração e o desenvolvimento do negro na sociedade.
- A afirmativa é uma revista de interesse geral que debate assuntos que dizem respeito a toda a sociedade.
- A afirmativa é um veículo de divulgação da força, da criatividade, dos valores e das aspirações do negro brasileiro.

SE VOCÊ CONCORDA COM AS AFIRMAÇÕES ACIMA, ASSINE EMBAIXO.



Desejo fazer uma assinatura da revista Afirmativa.

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

e-mail: _____

Se preferir, ligue para 11 3392-6005 ou acesse www.afrobras.org.br

<input type="checkbox"/>	Assinatura por 1 ano (6 edições)	R\$ 49,00
<input type="checkbox"/>	Assinatura por 2 anos (12 edições)	R\$ 86,00

REVISTA AFIRMATIVA PLURAL Rua Padre Luís Alves de Siqueira, 640 Barra Funda - São Paulo /SP - Brasil CEP 01137-040

Afirmativa
plural

ANO 5 - Nº 25 - R\$ 7,50 - AFROBRAS. SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE.

EDUCAÇÃO:
O Brasil precisa de mais negros no ensino superior

EXCLUSIVO:
Ministro Miguel Jorge fala das oportunidades de negócios para países africanos

POLÍTICA

Um negro no império

UGANDA RELIGIOSA



Religiosa, Uganda usa moralismo contra a Aids

POR FABIO ZANINI EM CAMPALA (UGANDA)

ESTRATÉGIA "ABC" APOSTA EM ABSTINÊNCIA, FIDELIDADE E, EM TERCEIRO LUGAR, CAMISINHA. GOVERNO DIZ QUE CAMPANHA LEVOU TAXA DE CONTAMINAÇÃO DE 30% NOS ANOS 1980 A 7% HOJE; PODERIO DAS IGREJAS E DINHEIRO DOS EUA SÃO ARMAS

A missa na minúscula igreja com telhado de zinco e meia dúzia de bancos de madeira numa rua de terra em Campala está começando, e Louis Kermu, 27, sobe ao púlpito improvisado para dar seu testemunho. "Agradeço a Deus por me ajudar a continuar sexualmente puro. Não é fácil. Onde eu moro, as pessoas da minha idade ouvem músicas com referências sexuais, que me tentam. Mas eu sigo acreditando." Seguem-se aplausos. Todos os dias em Uganda, discursos como esse fazem apologia da abstinência sexual, uma estratégia abraçada pelo governo com ajuda das igrejas e financiamento do governo norte-americano e elevada a carro-chefe da política anti-Aids.

Nos últimos 20 anos, o país de 30 milhões de habitantes no centro da África conseguiu diminuir significativamente a incidência da doença, de uma maneira que passa longe da abordagem tradicional.

As estatísticas oficiais falam em uma redução de 30% da população

contaminada no final dos anos 80 para pouco mais de 7% atualmente. O percentual ainda é alto para padrões internacionais, e chegou a apresentar uma leve alta nos últimos anos, mas é um caso raro no continente mais afetado pela doença no mundo.

Países como África do Sul, Suazilândia, Botsuana, Zâmbia e Zimbábue, entre outros, há anos tentam em vão reduzir índices de contaminação que chegam a quase 40%.

A abordagem ugandense é polêmica e assumidamente moralista. Em vez de massificar o uso de camisinhas, método adotado por vários países e o preferido das organizações internacionais, investe-se na mudança de comportamento.

A estratégia surgiu nos anos 80 em círculos cristãos norte-americanos, mas foi em Uganda que ela adquiriu proporções de política de Estado.

Desde 1986, o governo adota a política batizada de ABC: A de abstinência, dirigida aos jovens solteiros; B de "be faithful" (seja



HOMENS EM RITUAL DE DANÇA

Foto: [HTTP://PERFORMINGARTS.UCL.EDU](http://performingarts.ucl.edu)

fiel), para os casados; C de "condom", camisinha, para quem não seguir as anteriores.

Mas, como explica James Kigozi, diretor de Comunicação da Comissão de Aids de Uganda, órgão oficial que trata da epidemia, as letras têm peso diferente. "A ordem em que elas estão é importante. Nossa estratégia é um pacote em que as camisinhas são apenas a terceira escolha", afirma ele.

Segundo as estatísticas oficiais, apenas 25% da população sexualmente ativa nas áreas urbanas usa com regularidade a camisinha. Nas áreas rurais, onde vivem 80% das pessoas, o índice cai para perto de zero.

O governo não faz questão nenhuma de elevar esses números. Tanto que a previsão do Programa da ONU para o Desenvolvimento em Uganda é de que faltarão preservativos no país para distribuição gratuita a partir de outubro, devido a cortes no orçamento para importação das camisinhas.

Pelas ruas de Campala e pelas estradas do país, grandes outdoors patrocinados pelo governo divulgam o enfoque moralizador. Uma peça mostra três garotas vestidas para uma formatura universitária, dizendo: "Só chegamos tão longe porque nos abstivemos". Outra é destinada a combater o sexo entre garotas e homens mais velhos, uma grande fonte de disseminação da Aids, segundo o governo. "Você deixaria este homem ficar com sua filha adolescente?", diz o cartaz, ao lado da foto de um senhor de meia idade. "Então, por que você está com a dele?".

PULSAO RELIGIOSA

A política do ABC sobrevive há mais de duas décadas em grande parte

porque foi encampada com entusiasmo pelas igrejas. Em Uganda, 42% da população é católica, e percentual igual é evangélico. O presidente, Yoweri Museveni, no poder desde 1986, é um ex-guerrilheiro marxista que se diz um "renascido cristão", assim como seu colega norte-americano, George Bush. A primeira-dama, Janeth, tem uma ONG que promove a abstinência. O dinheiro dos EUA, US\$ 2 bilhões nos últimos dez anos, vem com a condição de ser usado para promover abstinência.

"O governo sabe que as igrejas são uma força moral poderosa em Uganda, quase invencível, e decidiu trabalhar com elas", afirma Paddy Musana, estudioso de questões religiosas da Universidade Makerere. Não por acaso, o presidente da comissão oficial de combate à Aids, que inclui representantes da sociedade, é um bispo católico aposentado.

O governo usa também como argumento o que chama de "fatores culturais" do povo de Uganda. "A sociedade africana tem uma tradição de poligamia. É socialmente aceito", diz Kigozi. Por isso, diz ele, a letra B na tríade do ABC também é valorizada. Para muçulmanos (12% da população), há uma peculiaridade. O recado é: "seja fiel a todas as suas mulheres".

Além disso, segundo o governo, o ugandense nas áreas rurais, onde vive a maioria da população, tem pouca informação e acesso à camisinha.

"Eles não sabem usar e não têm dinheiro para comprar. As pessoas bebem, se divertem e esquecem de usar a camisinha", afirma Kigozi.

Artigo publicado na Folha de S. Paulo.



SERENA WILLIAMS

As melhores do mundo

NO TORNEIO DE WIMBLEDON, AS IRMÃS WILLIAMS OCUPAM A QUINTA (SERENA) E SÉTIMA COLOCAÇÕES (VENUS). MAS, AINDA BRILHAM ENTRE OS MELHORES TENISTAS DO PLANETA

Logo no início do segundo semestre, 06 de julho, Serena foi derrotada por sua irmã, Vênus, no Torneio de Wimbledon. Ela volta ao Top 5 da classificação WTA, sendo que Vênus ficou em sétimo lugar. A líder da classificação foi Ana Ivanovic. Entretanto, essa classificação ainda pode sofrer alterações até o final dos jogos, em novembro próximo.

Considerado o mais tradicional torneio de tênis internacional, Wimbledon é disputado por profissionais que pretendem ver seus

nomes ocuparem as primeiras colocações do ranking. Entre as irmãs, "Vênus foi a primeira a conseguir atingir o topo do ranking em fevereiro 2002, sendo que logo no ano seguinte foi a vez de Serena, no mês de julho", recorda José Nilton Dalcim, jornalista especializado em esporte há 26 anos e que acompanha o circuito desde 1980. Diretor editorial do site Tenisbrasil, Dalcim explica que o resultado das americanas é muito expressivo até porque os Estados Unidos sempre foram uma grande potência nesse esporte,



VENUS WILLIAMS

atualmente com maior destaque para a categoria feminina. Serena Jameka Williams, 22 anos, e Vênus Ebone Starr Williams, 24 anos, vêm de família pobre. Foram criadas em um bairro violento nos arredores de Los Angeles, ao lado dos pais e de mais três irmãs. Amigas, companheiras, elas sempre afirmam que a família pode não superar a importância do tênis em suas vidas, mas é a base da união, força e conquista. O pai foi e é figura marcante na vida das profissionais, tanto que é conhecido como "mão-de-

ferro", orientando e dirigindo a carreira das filhas de modo meticoloso. E seu esforço não foi em vão.

Tanto no que diz respeito à personalidade como o modo e estilo de jogar, as irmãs Williams têm características bem distintas, mas que se completam. Segundo Dalcim, Serena é mais alegre e extrovertida, tem uma enorme força física, dá verdadeiro show nas quadras de tênis. Por sua vez, Vênus, mais reservada, com habilidade e talento, supera os adversários.



A cartilha “Jovem Não é Careta”, feita em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (e a área técnica específica para a saúde da população negra), foi lançada por iniciativa dos jovens da Cidade Tiradentes, na Zona Leste da cidade de São Paulo, para a discussão de assuntos importantes do dia-a-dia que abordam os seguintes temas: identidade e cidadania, gênero, etnia, sexualidade, drogas, direitos humanos e violência.



GISLAINE COSTA SERRA E ADELINÉ GOMES DE OLIVEIRA

Jovem Não é Careta

JOVENS DA CIDADE TIRADENTES, EM SÃO PAULO, FAZEM CARTILHA DE SAÚDE A FIM DE ATUAR NA SOLUÇÃO DE DOIS GRANDES PROBLEMAS: GRAVIDEZ PRECOCE E HOMICÍDIO

Ana Rita Eduardo, coordenadora do projeto e, na época, gerente da Unidade Básica de Saúde (UBS) Castro Alves, onde se localizavam as oficinas para a produção da cartilha, conta que a partir de um curso que fez na Secretaria Municipal de Saúde sobre a saúde dos jovens surgiu a idéia de fazer um trabalho que tivesse a ver com o tema e que fosse benéfico para a sociedade. “Existem estudos que confirmam que os dois grandes problemas enfrentados pelos jovens da periferia, como é o caso da Cidade Tiradentes, gravidez precoce e homicídio (entre 10 e 24 anos). Sendo que muitos

“ QUEREMOS MOSTRAR OUTRA VISÃO DA CIDADE TIRADENTES, QUE SEMPRE É VISTO COMO UM BAIRRO AFASTADO E MUITO VIOLENTO, LÁ TAMBÉM TEM MUITOS LUGARES BONS E MUITAS PESSOAS COM DISPOSIÇÃO PARA REALIZAR TRABALHOS EM BENEFÍCIO DA COLETIVIDADE ”



ADELINE GOMES DE OLIVEIRA

deles só iam procurar ajuda nos postos de saúde depois de passar por um problema, como por exemplo, a gravidez precoce. Por isso, resolvi desenvolver a cartilha com o apoio da comunidade”, ressalta ela.

O diferencial do material consiste na sua elaboração, ou seja, com a colaboração de entidades especializadas, instituições e escolas. A partir dessa contribuição as oficinas foram se desenvolvendo segundo a temática pré-estabelecida, mas com uma linguagem totalmente voltada para o jovem, até porque as três meninas responsáveis pela redação estão na faixa dos 20 anos. Alessandra Assunção Ferreira, Adeline Gomes de Oliveira e Gisleine Costa Serra se dedicaram por dois meses nas oficinas temáticas, para depois, em um processo rápido de apenas duas semanas, redigirem a cartilha.

“Elaboramos a cartilha pensando nos problemas enfrentados pelos jovens de nosso bairro.”, disse Adeline, ressaltando que outro assunto muito discutido são as drogas. Os jovens que já passaram pelo problema e que estão em fase de

reabilitação nos Narcóticos Anônimos participaram das oficinas para ajudar as meninas a ter familiaridade com o tema. Quando a pauta tratou de doenças sexualmente transmissíveis foi o pessoal do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) que prestou sua colaboração.

Ao todo, diversas entidades ofereceram subsídios para a elaboração do material, como o Movimento Cultural Cidade Tiradentes (Mocuti), Centro Comunitário Beneficente Conj. Habitacional Castro Alves (Cebech), Grupo de Jovens da Igreja Batista, Escola Estadual Oswaldo Aranha, Ação Comunitária Senhor do Santo Cristo e Bairro Branco 2.

A cartilha “Jovem Não é Careta” será distribuída pela Coordenadoria da Juventude em diversos bairros, além da Cidade Tiradentes. “Queremos mostrar outra visão da Cidade Tiradentes, que sempre é visto como um bairro afastado e muito violento. Lá também tem muitos lugares bons e muitas pessoas com disposição para realizar trabalhos em benefício da coletividade”, finalizou Gisleine.

Livros



CULTURA AFRO

No livro de Linda M. Heywood – Diáspora Negra no Brasil –, o leitor se posiciona diante da origem e dos destinos de milhões de africanos vindos da África Central à América, desde o início da colonização europeia até o século XIX. A autora dispõe no livro uma seleção de artigos escritos por pesquisadores da cultura africana, textos que desvendam como os povos africanos remodelaram suas instituições culturais, crenças e práticas a partir da influência dos portugueses negociantes de escravos. O livro ainda aborda a relação da cultura centro-africana no desenvolvimento da cultura brasileira através das festividades religiosas e dos modelos dos quilombos.

Linda M. Heywood é professora de História da África da Universidade de Boston, Estados Unidos.

Para estudiosos de história, antropologia e sociologia, o livro conta com conteúdo vasto e revelador.

TÍTULO: Diáspora Negra no Brasil **AUTOR:** Linda M. Heywood **EDITORIA:** Contexto **PÁGINAS:** 224

ONDE COMPRAR: Principais livrarias ou no site www.editoracontexto.com.br **QUANTO:** R\$ 39,00

POEMA INFANTIL

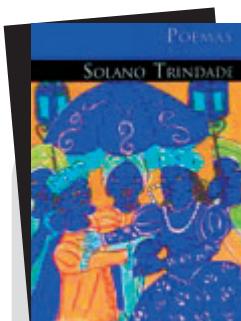


Tem gente com fome, poema transformado em livro infantil, foi lançado em homenagem ao centenário de nascimento do poeta pernambucano Solano Trindade, publicado pela editora Nova Alexandria. As ilustrações ficaram por conta de Cíntia Viana e Murilo Silva.

Sua obra faz uma crítica às dificuldades encontradas pelas minorias negras marginalizadas e outras questões sociais. Seus poemas também tratam sobre o amor, a beleza, a solidão e a vida cotidiana, além de relembrar a coragem e as tradições populares afro-brasileiras. A história narra o trajeto do trem da Leopoldina, no Rio de Janeiro, com trabalhadores voltando para suas casas com fome de comida, de afeto e de justiça. “Poeta da negritude”, como era conhecido, Solano Trindade foi também cineasta, pintor, ator e um dos maiores símbolos culturais brasileiros.

TÍTULO: Tem gente com fome **AUTOR:** Solano Trindade **EDITORIA:** Nova Alexandria

PÁGINAS: 23 **ONDE COMPRAR:** Somente na editora, através de e-mail (comunicacao@novaalexandria.com.br / imprensa@novaalexandria.com.br) ou pelo telefone 11 6215-6252 (sujeito a taxa de entrega) **QUANTO:** R\$ 22,00



ANTOLOGIA POÉTICA

A coletânea Poemas Antológicos de Solano Trindade reúne as melhores produções poéticas do autor. O livro, publicado pela coleção Obras Antológicas da Editora Nova Alexandria, foi lançado em homenagem ao centenário de nascimento do poeta pernambucano Francisco Solano Trindade, autor de poemas como Canto à mulher negra e Uma negra me levou a Deus. Integram a coletânea poemas como Tem gente com fome, musicado pelo grupo Secos e Molhados, que foi proibido pela ditadura militar, e Mulher barriguda, gravado pelo mesmo grupo. Há, ainda, Barca Suzana, Maracatu da boneca de cera, Xangô e Natal na minha terra, entre outros, que permitem vislumbrar o divulgador apaixonado da cultura e da tradição populares. Trindade, falecido há 34 anos, é reconhecido até hoje pela sua luta à defesa da cultura negra brasileira.

A leitura é um convite à reflexão, fazendo com que o leitor repense sobre os conceitos de democracia racial e sincretismo religioso.

TÍTULO: Poemas antológicos **AUTOR:** Solano Trindade **EDITORIA:** Nova Alexandria

PÁGINAS: 167 **ONDE COMPRAR:** Somente na editora, através de e-mail (comunicacao@novaalexandria.com.br / imprensa@novaalexandria.com.br) ou pelo telefone 11 6215-6252 (sujeito a taxa de entrega) **QUANTO:** R\$ 35,00



Agenda Cultural

POR RODRIGO MASSI

O MELHOR DA PROGRAMAÇÃO EM ARTES E CULTURA DE SÃO PAULO

ARTES VISUAIS

HERANÇA JAPONESA NA CERÂMICA BRASILEIRA

No contexto do Ano do Intercâmbio Brasil-Japão e das festividades do Centenário da Imigração Japonesa para o Brasil, o Palácio Boa Vista, residência de inverno do governador do Estado de São Paulo, apresenta a mostra “Herança Japonesa na Cerâmica Brasileira”. Trata-se da exibição de 43 obras de artistas japoneses e nipo-brasileiros que atestam o elevado grau de refinamento alcançado pela arte da cerâmica no Brasil.

ONDE: Palácio Boa Vista - Campos do Jordão. Avenida Adhemar de Barros, 3.001.

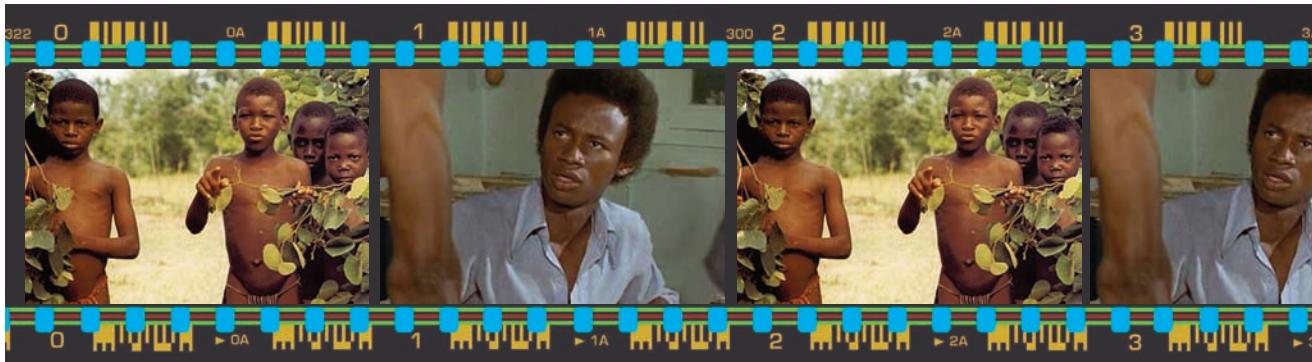
QUANDO: de 5 de julho a 31 de agosto de 2008. Quarta a domingo e feriados, das 10 às 12h e das 14 às 17h. O ingresso custa **R\$ 5,00**. Agendamento e informações: **(12) 3662-1122** ou no site **WWW.ACERVO.SP.GOV.BR**



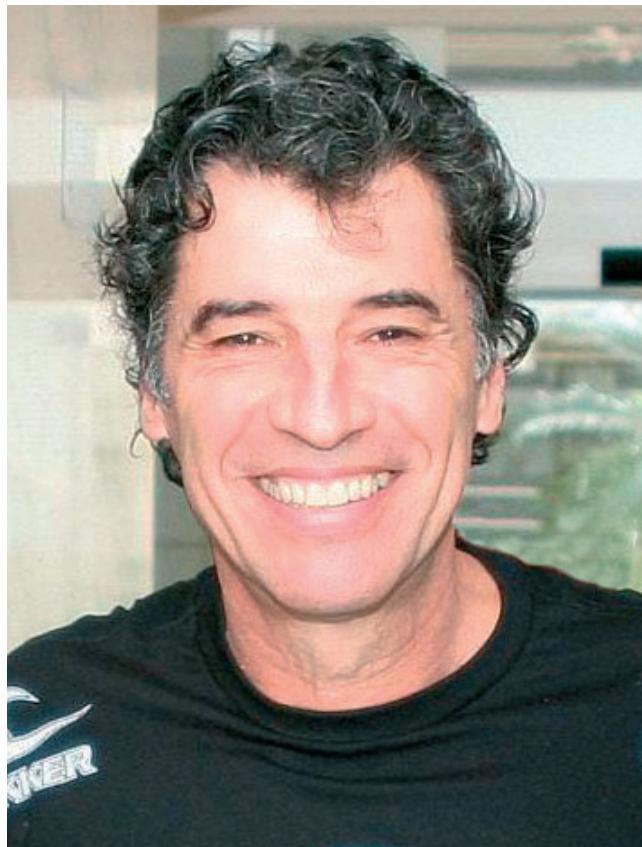
EMOÇÃO ART.FICIAL 4.0 – EMERGÊNCIA!

Em sua quarta edição, a Bienal Emoção Art.ficial apresenta 16 trabalhos de artistas nacionais e estrangeiros e traz como tema a emergência no campo da arte cibernetica.

ONDE: Itaú Cultural. Avenida Paulista, 149. **QUANDO:** de 2 de julho a 14 de setembro de 2008. Terça a sexta, das 10 às 21h, sábados, domingos e feriados, das 10 às 19h. **ENTRADA GRATUITA.**



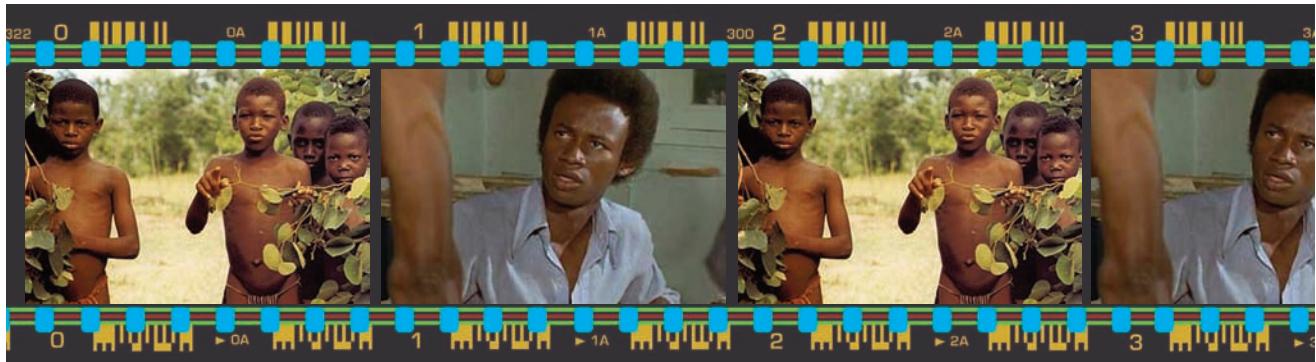
Monte o seu cineclube!



AMIGOS, NO Nº 18 DA REVISTA AFIRMATIVA PLURAL ESCREVI SOBRE O FANTÁSTICO FESTIVAL DE CINEMA AFRICANO, O FESPACO, QUE ACONTECE DE DOIS EM DOIS ANOS EM OUAGADOUGOU, CAPITAL DE BURKINA FASSO.

Participar com o filme Cafundó desse festival foi uma experiência transformadora para mim.

Voltei para o Brasil e resolvi criar um cineclube na Casa da Gávea, um pequeno centro cultural que dirijo no Rio de Janeiro. Gostei tanto da experiência, que estamos abrindo outro cineclube, agora em Sorocaba (SP), no Quilombinho, entidade que funciona na casa onde fui criado e que cuida de 100 crianças, oferecendo aulas de cidadania, teatro, música, dança e etc. Acho que com o cinema, o teatro, a arte em geral, podemos transformar e melhorar o mundo em que vivemos. Então, vamos sugerir a todos que queiram montar suas atividades em centros culturais e ONGs que lancem mão do teatro e do cinema para desenvolver suas atividades.



COMO FAZER UM CINECLUBE?

O projetor de DVD pode muito bem ser a opção! Não precisamos mais de projetores de 16 ou 35 milímetros. O projetor de DVD é mais econômico e podemos pegar os filmes em qualquer locadora. MAS, ATENÇÃO: a imagem deve ser muito boa! Para isso é fundamental conseguir assessoria técnica qualificada. O projetor tem que ter a necessária quantidade de luminosidade, chamada de "lumens". Se a sala for pequena e bem escura, um projetor de menos "lumens" e, portanto, mais barato, serve.

A tela tem que ser grande e a acústica tem que ser excelente. O SOM! Quase sempre que vou passar meu filme Cafundó em algum lugar que tem telão, fico chocado com a falta de qualidade do som e das projeções.

Telas ruins, projeção ruim, som ruim, destroem qualquer filme! É preferível não fazer cineclube nenhum se não for para ter uma boa tela, boa projeção e bom som!

Cinema é impacto visual e sonoro!

Se o expectador ficar lembrando da televisão de casa, não vale a pena fazer a projeção.

As pessoas estão cada vez mais exigentes com relação à imagem e som.

Devemos oferecer o melhor!

Bom, tendo um bom lugar, uma boa tela, uma boa projeção e um bom som, coisa que não é muito fácil, mas não impossível de conseguir, aí começa a coisa mais gostosa: programar os filmes. Na Casa da Gávea e no Quilombinho estamos começando com filmes AFRICANOS!

O Consulado da França, no Rio de Janeiro, disponibiliza, de graça, 20 filmes que ganharam prêmios no FESPACO. Todos em DVD e com legendas em português!

É só inscrever a entidade em contato@cinefrance.com.br. Falem com Catherine Faudry. Não desistam, às vezes ela está super atarefada, mas é pessoa maravilhosa que quer divulgar os filmes africanos e o cineclubismo. Com ela, é possível conseguir

o kit de filmes: são 20 e imperdíveis. A coleção chama-se "Sementais de Yennenga".

No site www.cinefrance.com.br/cinemateca/cinema pode-se conseguir fotos dos filmes para fazer a divulgação.

Sugiro que começem as projeções com:

"Baara" - de Soulemaine Cissé -Mali (1977),

"Buud Yam" - de Gaston J M Kaboré - BurkinaFaso-1997,

"Piéces D'Identités" - de Mweze Dieudonné Ngangura, (1999), da República Democrática do Congo.

Não se esqueçam de programar também filmes brasileiros. A dica é inscrever a entidade na Programadora Brasil (www.programadorabrasil.org.br), excelente projeto do Ministério da Cultura que fornece uma coleção de filmes brasileiros por ordem cronológica e com extras, um verdadeiro curso de cinema.

Depois de cada filme é bom fazer um debate com historiadores, atores e diretores.

Não se esqueçam de programar filmes japoneses, franceses, italianos, portugueses, iranianos, hindus e espanhóis. (nada de gueto!). Os filmes são facilmente conseguidos nas locadoras. Em qualquer uma podemos encontrar Fellini, Bunuel, Mizoguchi...

Também as embaixadas dos países podem ser acionadas na sua representação cultural. Elas podem apoiar a atividade.

Conseguir atrair o público para o cineclube não é fácil. Mas, não se preocupem com a quantidade. A qualidade das pessoas, da projeção e dos filmes é que é importante.

Aos poucos vai se formando um grupo interessado. É muito mais gostoso assistir filmes junto com outras pessoas.

Boa sorte no seu cineclube!

PAULO BETTI é ator e diretor (casadagavea@terra.com.br)

Costa do Marfim é a bola da vez

POR: ELIANE CALIXTO

CÔTE D'IVOIRE É UM PAÍS DE EXTREMA IMPORTÂNCIA PARA A ÁFRICA, COM UMA POPULAÇÃO ESTIMADA EM 16 MILHÕES DE HABITANTES, FAZ FRONTEIRA COM MALI, BURKINA FASO, GUINÉ, LIBÉRIA E GANA. UM PAÍS COM UMA POPULAÇÃO DE 50% JOVENS, JÁ QUE QUASE METADE DOS HABITANTES TEM MENOS DE 15 ANOS DE IDADE.



Muitas características encontradas aqui podem ser vividas como realidade no Brasil, além, é claro, do sol forte que brilha constantemente. Encontrei neste país a humildade e a inocência que o Brasil perdeu há tempos.

A Costa do Marfim é um país litorâneo localizado à oeste da África banhado pelo Norte do Oceano Atlântico. Seu povo é alegre, esperançoso, com muitos interesses e perspectivas no desenvolvimento do país. As cores dos trajes são fortes e bem típicas da África.

Como na maioria dos países africanos, a saúde é prioridade, mas a educação continua a preocupar seus governantes. Na Capital Abidjan há oito universidades, sendo três públicas.

Há anos atrás, antes dos conflitos políticos, a educação era prioridade – o país possuía baixos índices de analfabetismo. Mas hoje tudo mudou. Com um orçamento reduzido destinado ao ensino, a educação na Costa do Marfim, que era considerada a pérola da África e motivo de orgulho dos habitantes rendeu-se às dificuldades e viu seu orçamento desviado para a saúde. Para se ter uma idéia, a perspectiva de vida no país é de 46 anos de idade.

A Universidade Pública da Costa do Marfim, localizada em Abidjan, capital comercial do país, possui em torno de nove mil estudantes vindos das mais diversas regiões e de outros países fronteiriços.

Uma universidade completa, com diversos cursos: direito inclusive com Instituto de criminalística, economia, administração, medicina, letras - com o ensino de idiomas, entre eles o português, comunicação, marketing, zootecnia com uma mata nativa exclusiva para laboratório de pesquisas, e o tão famoso curso de história. Por que famoso? Ora, simplesmente porque aqui, o atual presidente foi professor por 30 anos. Como Chefe de Governo está o atual Presidente Laurent Gbagbo que se encontra no final de seu primeiro mandato presidencial.

Como em qualquer universidade, o poder político do estudante é muito forte. A estrutura física impressiona, são diversos blocos separados por cursos - lembra nossa tão reconhecida USP, mas ainda falta muito. Há áreas de lazer, alojamentos, restaurantes, igreja, comércio variado para venda de livros, alimentação, copiadoras, fotos, tudo sobre o universo universitário.

Aqui em Abidjan, a capital comercial da Costa do Marfim, a alimentação é muito cara. O peixe é o alimento mais em conta, o salmão fresco é encontrado a R\$ 10,00 o kg, mas a carne bovina é artigo de luxo, assim, para se ter uma idéia, 1 kg de carne de primeira gira em torno de R\$ 130,00. Não é para nosso bolso, nem tampouco para o povo marfinense. A economia do país tende a melhorar e a inflação está



controlada, mas a esperança do povo marfinense está na abertura de mercado para grandes empresas investirem no território. As oportunidades que o Brasil pode gerar são inúmeras e muito bem-vindas. Em visita ao país, estive com grandes empresários brasileiros dispostos a viabilizar este intercâmbio comercial com grande sucesso e mudar a história do país. Haja vista que há obras por todos os lados; o país cresce vertiginosamente.

Existe uma grande dificuldade também de capacitação de mão de obra qualificada. A grande maioria do povo sempre trabalhou com a agricultura e possui baixa escolaridade. Infelizmente, logo teremos emprego e falta de mão de obra para todos os setores, devendo-se, importar mão de obra como em diversos países africanos.

O povo marfinense tem uma paixão: o futebol. Como no Brasil, os ídolos do esporte são um exemplo para a nação. O maior astro marfinense chama-se Didier, goleador do Chelsea, da Inglaterra. O único jogador reconhecido internacionalmente.

Mas este país que hoje se reestrutura, pensa num futuro melhor para seu povo e é consciente de suas limitações já se mobiliza para mudanças.

A continuidade do programa de paz é respeitado na íntegra pelo atual presidente, fator de extrema importância e muito elogiado pelo povo marfinense, uma segurança garantida para os investidores.

Um oásis no continente Africano – assim é a Côte d'Ivore. Hoje um país considerado seguro, organizado, com sistema de transporte público ainda precário, mas existente e, acima de tudo, engajado na recuperação do país.

DICAS DO QUE FAZER NA COSTA DO MARFIM

FONTE: SITE WWW.COTEDIVOIRE.ORG.BR

- Assistir a uma apresentação de folclore autêntico, em que o dançarino que nos fascina não é um homem mascarado, mas sim um gênio mandado por Deus, que zela pela comunidade da aldeia.
- Conhecer a maior cidade da Costa do Marfim - Abidjan, incrustada nos meandros da laguna Ebrié e Yamoussoukro e sua Basílica Nossa Senhora da Paz.
- As aldeias cheias de charme e os hoteizinhos perdidos em meio a natureza, santuários do relaxamento e do esquecimento do cotidiano.
- Passear pelas imensas reservas onde se rastreiam pistas de elefantes, búfalos e leões.
- Observar o céu com suas sutis variações de aquarela e cores grandiosas.
- Sair para a pesca ao surf-casting, para apanhar meros e barracudas.





O negro e o estereótipo

No longínquo ano de 1894, Raimundo Nina Rodrigues, considerado pai da medicina legal no Brasil, fez publicar o tristemente notável livro “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil”, no qual endereçava duas severas objeções ao primeiro código penal republicano, editado quatro anos antes: a crítica à fixação da maioridade penal aos 14 anos, por ele considerada demasiadamente elevada; e, a crítica ao tratamento igualitário dispensado a negros e brancos, visto que acreditava ter adaptado para os trópicos o postulado então em voga na Europa – o positivismo criminológico –, segundo o qual há delinqüentes cuja natureza os empurra para o crime. De acordo com os estudos do médico maranhense, os negros teriam uma propensão genética para a criminalidade, pelo que não poderiam ser equiparados aos brancos.

O legado teórico e pragmático da obra rodrigueana pode ser facilmente identificado em nossos dias, seja em certas representações do imaginário social, do anedotário e da linguagem popular, seja em algumas narrativas da televisão brasileira.

A conhecida expressão “cara de bandido, jeito de bandido” atesta a atualidade do estereótipo que preconiza como verdadeira a presunção de que o delinqüente pode ser identificado por suas características físicas, fenotípicas ou, no caso, raciais.

O cantor Djavan, o ex-Secretário de Negócios Jurídicos da Prefeitura de São Paulo, Edivaldo Brito, o jogador Viola, entre outros, incluindo diplomatas africanos, já experimentaram na própria pele o pesado fardo da culpa difusa, que nasce do fato de um negro ou uma negra estar a bordo de um veículo não-popular, por exemplo.

Este é um dos grandes problemas que podem resultar dos estereótipos raciais antinegro veiculados pela televisão.

Decerto, como em qualquer outro grupo humano, a maioria de nós negros é honrada, íntegra, honesta, respeitável e respeitada mas há também os embusteiros, escroques, estelionários, os que tiram vantagem financeira do racismo, etc. O problema não está, portanto, na projeção de um protagonista negro associado à criminalidade, mas na ausência de um número maior e mais significativo de negros altivos e íntegros na TV – como reflexo minimamente fiel da realidade.

É sempre bom lembrar que o ensino e a comunicação social são instrumentos que podem e devem ser empregados para estancar a reprodução de estereótipos e para valorizar a diversidade humana.

Trata-se de tarefa que não pode ser considerada como panacéia para o problema mas irá representar, quando nada, um compromisso substantivo das autoridades públicas com a garantia da vida e da incolumidade física e moral dos jovens negros, brancos e quaisquer outros indivíduos que circulam pelas ruas das cidades e que acreditam que sua existência, por si só, não pode ser considerada um crime – muito menos um crime passível de execução sumária.

PROF. DR. HÉDIO SILVA JR. é Advogado, Mestre e Doutor em Direito Constitucional pela PUC-SP, ex-Secretário da Justiça do Estado de São Paulo, Coordenador Executivo do CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

Abdias Nascimento

primeiro Deputado
Federal negro (1983-1987)
Senador da República (1991-1999)

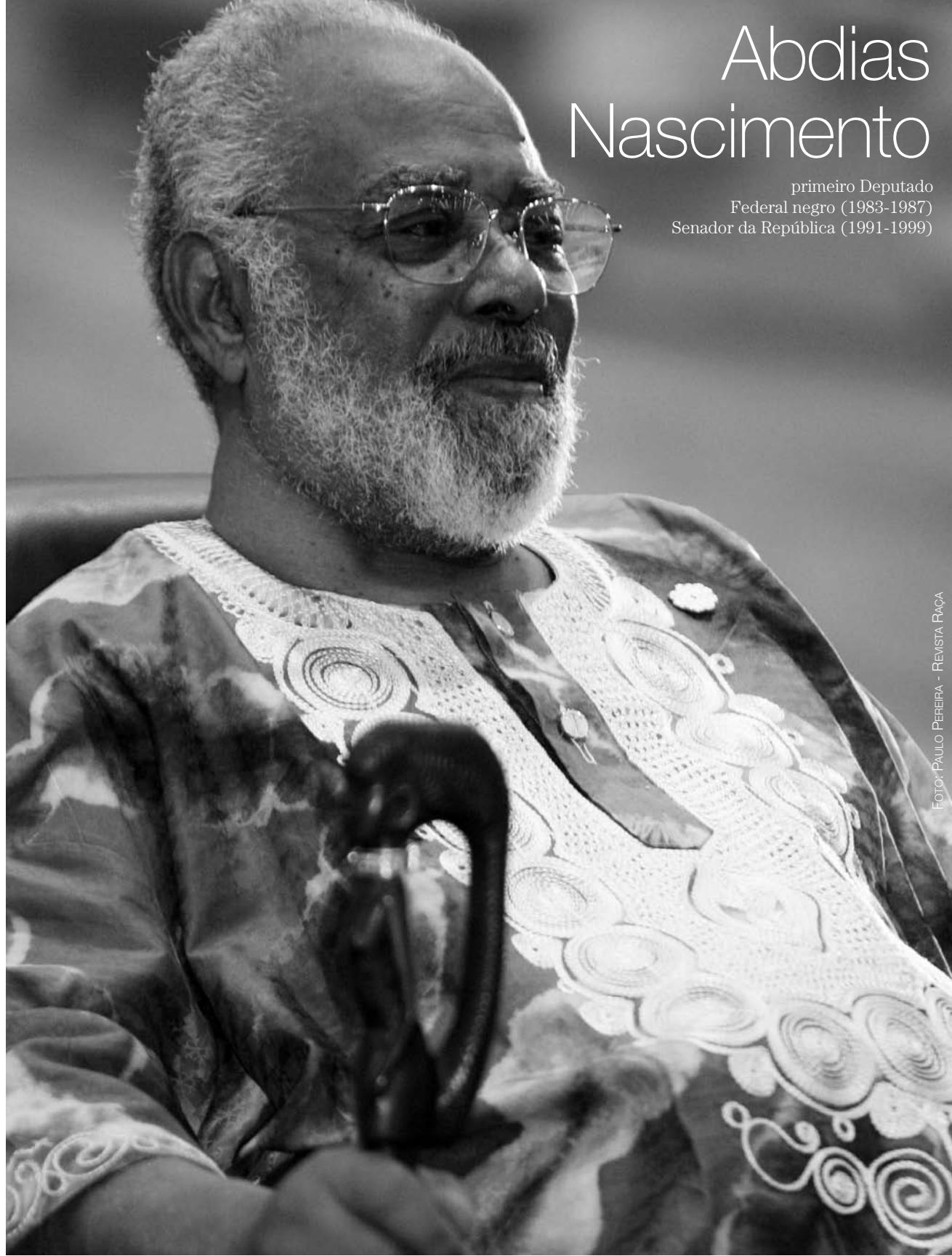


Foto: PAULO PEREIRA - REVISTA RACIA

A família Colombo
não pára de crescer.



G/ROOF

A Colombo foi a primeira empresa brasileira a formalizar o sistema de cotas para afrodescendentes, oferecendo inúmeras vagas em seu quadro de funcionários. Hoje, a presença dos afrodescendentes na empresa é de 30%, mais do que o exigido pela lei. E nos orgulhamos de trabalhar para esse número continuar crescendo.


o estilo que conquista

Com o nosso cartão, cada compra é uma contribuição para um futuro melhor.

Peça já seu Cartão Instituto HSBC Solidariedade* e ajude muitas instituições. porummundomaisfeliz.org.br

